

## 4

### **A esperança cristã nas esperanças cotidianas das juventudes**

No início de nossa pesquisa, com a Igreja entendemos que, dentre suas esperanças estão às juventudes, e vimos no segundo capítulo que esses “rostos de esperanças” são território sagrado, que necessitamos conhecê-los, nos aproximar, acolhê-los nas realidades nas quais vivem, porém, sem abandoná-los na busca de uma vida verdadeiramente digna segundo os valores evangélicos. O rosto dessa esperança é desafiador e às vezes cria inseguranças nas gerações precedentes, porém, eles estão aí, em muitas situações respondem conforme os modelos que lhes são oferecidos, logo, podemos nos perguntar sobre a qualidade da esperança que depositamos em cada um. Para termos essa resposta, precisamos saber de que esperança estamos falando, que testemunho de esperança estamos oferecendo às nossas juventudes para que possam levar adiante a missão que lhes é confiada por Deus.

Também precisamos dizer que nossas juventudes não são “tábulas rasas” à “espera” de moldagem. São seres humanos que trazem consigo um passado, um presente e a esperança de um futuro; trazem consigo esperanças que revelam a si próprios. Não podemos ignorar isso, logo, num primeiro momento tentaremos aprofundar algumas características dessas esperanças que fazem parte da história de nossas juventudes, fazendo-nos conscientes de que no humano habita Deus, de que o divino está no jovem, Deus está presente na história de cada um, em suas realidades, lutas e sonhos.

Tendo feito esse reconhecimento, então poderemos dizer-lhes de que esperança falamos, de onde ela vem e para onde ela nos encaminha. Realidades que podem convergir, esperanças que não se excluem, mas podem unir-se sempre mais para que o futuro torne-se presente sempre a caminho da plenitude! Em última instância veremos como podemos fazer para que a esperança cristã se traduza no cotidiano, na vida de nossas juventudes, alimentando a esperança da Igreja nas novas gerações.

## **4.1. Juventudes a imagem do Deus da esperança**

Neste tópico abordaremos dois pontos: as esperanças das juventudes e o divino que as habita. Para falar de suas esperanças utilizaremos a pesquisa realizada pela Secretaria Nacional da Juventude que se refere aos sonhos dos jovens de nosso país e para nos ajudar na compreensão de que nas juventudes encontramos Deus, lançaremos mão, sobretudo da obra de H. Dick, “O divino no jovem”. Esses dois temas nos ajudarão no fechamento deste capítulo, quando trataremos do encontro da esperança cristã com as esperanças da humanidade, especificamente das juventudes.

### **4.1.1. Juventudes, sujeitos de esperanças**

Neste momento vamos apresentar alguns aspectos das esperanças que perpassam as realidades juvenis. Tomaremos como base a pesquisa realizada pela Secretaria Nacional da Juventude no ano de 2013. O primeiro questionamento feito aos jovens refere-se a sua própria realização pessoal. Vejamos o que nos dizem as juventudes:

Entre os aspectos de suas vidas apontados pelos jovens como importantes para se sentirem realizados, o emprego/trabalho representa 48%, seguido pelos estudos e realização financeira, com 30% e 25% cada um. Só então aparecem a moradia e a família com 22% e 13% das respostas dos jovens<sup>1</sup>.

Ao serem convidados para avaliar a chance de que essas expectativas se concretizem, 86% dos entrevistados têm esperanças e creem que seja possível a realização do que apontaram. A pesquisa nos possibilita ver o empenho dos jovens em buscar concretizar seus desejos, nos mostra que: dos 48% que realizar-se-ão com um emprego, 37% estão empenhados em buscar esse emprego; dos 30% que focam nos estudos, aparece na pesquisa que 40% dos jovens se esforçam por obter bom êxito na vida escolar; dos 13% que focam na família, apenas 7% fazem algo a respeito; dos 22% que preocupam-se com a moradia, 2% fazem algo para alcançar sua meta; e dos 25% que colocam sua realização pessoal na realização financeira, 10% fazem algo a respeito.

---

<sup>1</sup> OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA JUVENTUDE, *Agenda juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013*, p. 68.

Essas juventudes não vivem alienadas em um mundo à parte do mundo dos adultos. Suas esperanças são diariamente confrontadas com seus medos e desânimos. Na pesquisa que estamos apresentando podemos ver quais são os problemas que mais os preocupam atualmente: violência, desemprego, saúde, educação, drogas, crise econômica e família. São temas que os atingem cotidianamente, com intensidades diferentes, por tratar-se de diversas juventudes, mas que no somatório da pesquisa apresentam-se como suas maiores preocupações. Vemos também que nem sempre são capazes de enfrentar essas realidades, muitos ainda têm a ousadia de sonhar, mas já não têm a força de lutar por aquilo que esperam.

Vale lembrar que nossas juventudes desejam encontrar espaço para falar de suas angústias e de seus sonhos. Esperam encontrar nas famílias, nos amigos e na sociedade, acolhida e apoio para discutir os temas que lhes preocupam, que lhes fazem cultivar esperanças e também medos. Destacamos alguns desses assuntos sem nos prendermos as suas porcentagens ou aos ambientes onde desejam falar sobre o tema, queremos apenas dizer que nossas juventudes se preocupam com assuntos importantes para toda a humanidade, e ao quererem discuti-los nos dão sinais de que desejam encontrar solução para muitos deles, e esperam um futuro livre de muitos medos e inseguranças. Nossas juventudes querem espaço para falar sobre: educação e futuro profissional, violência, drogas, desigualdade social e pobreza, religião, cidadania e direitos humanos, sexualidade, relacionamentos amorosos, racismo, artes, política e meio ambiente<sup>2</sup>.

A pesquisa nos mostra que nossos jovens incomodam-se sim com realidades que vêm para tirar-lhes a força da esperança e que querem colocá-los em situação de desânimo. Incomodam-se com a corrupção de nosso país, com o poder dos traficantes, com a grande desigualdade entre ricos e pobres, com o racismo e outras formas de discriminação. Com isso entendemos que temos jovens que desejam um mundo mais justo, livre de tantas opressões, onde a justiça ajude a construir relações de igualdade e fraternidade, onde as pessoas possam ser tratadas com dignidade, onde nossos preconceitos percam suas forças e o julgamento condenatório seja substituído pela acolhida e o respeito. Essa indignação fala-nos da esperança de um mundo melhor para todos, e está presente na voz de nossas juventudes. A pesquisa em questão nos diz que nossos jovens são esperançosos,

---

<sup>2</sup> Cf. Ibid., p. 71-73.

que mesmo diante de tantos desafios mantém viva a chama da esperança.

Vejamos:

No que se refere ao Brasil, o otimismo suplanta o pessimismo: para 44% o Brasil vai melhorar, enquanto para 31% vai piorar e para outros 23% o país ficará como está. Quando questionados sobre o seu próprio bairro, as perspectivas são ainda melhores, de forma que a maioria (53%) acredita que ele estará melhor daqui alguns anos, contra os que acreditam que vai piorar (15%) ou ficará como está (30%)<sup>3</sup>.

A maioria dos entrevistados acredita que o país vai melhorar, e para isso apontam realidades que precisam ser enfrentadas: saúde da população, educação, desemprego, respeito pelos direitos humanos, poluição, trabalho infantil, diferença entre ricos e pobres, infraestrutura, reforma agrária, problemas climáticos e o aumento da população. Diante desse quadro não podemos simplesmente afirmar que nossas juventudes sejam apáticas ou desconectadas da realidade onde vivem. Estão a par dos sofrimentos de seu povo, mas ainda acreditam que a mudança é possível, ainda esperam um mundo melhor onde possam viver juntos com os seus e com as gerações que virão. Talvez alguns ainda não saibam como colaborar com a concretização dessas esperanças, mas a verdade é que elas estão latentes na maioria deles.

Nossos jovens apostam em si mesmos, são otimistas com relação à sua vida pessoal, pois:

Em nenhum quesito, contudo, os entrevistados apresentaram tamanho otimismo quanto com relação à sua vida pessoal: cerca de 94% dos jovens acreditam que sua vida vai melhorar, enquanto apenas 1% acha que vai piorar e outros 4% não veem perspectiva de mudança. Os principais motivos citados para terem perspectivas positivas quanto à sua vida pessoal estão relacionados, principalmente, à dimensão econômica e de emprego (para 52% dos entrevistados, a situação de trabalho no futuro será melhor que a vivida no presente); à questão educacional (cerca de 42% acreditam que terão melhores credenciais escolares, que possibilitarão esse avanço); e as referências pessoais/individuais (28%), sobretudo a aspectos ligados ao ganho de maturidade e maior dedicação. É interessante notar que ao contrário de muitas afirmações que destacam a valorização do consumo como traço característico da juventude contemporânea, nesta pesquisa o consumo não ocupa lugar de destaque na expectativa de futuro dos jovens<sup>4</sup>.

É bom percebermos que as juventudes confiam em suas capacidades e nas possibilidades que podem ter ao longo da vida. Quando questionados a respeito

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 77.

<sup>4</sup> Ibid., p. 77-78.

dos valores que consideram importantes o temor a Deus foi citado por 40% dos entrevistados (e em primeiro lugar por 22% deles), o respeito às diferenças foi mencionado por 39%, seguido pela igualdade de oportunidades citado por 33%, respeito ao meio ambiente por 31%, solidariedade com 28% e pela justiça social com 20%. Na pesquisa aparecem ainda outros valores como: dedicação ao trabalho, liberdade individual, disciplina pessoal, competência, religiosidade, obediência à autoridade, conforto material, liberdade política, criatividade, autorrealização, prazer sexual e autenticidade<sup>5</sup>.

Referindo-nos às juventudes (também crianças e adolescentes) em situação de rua, mesmo com todas as dificuldades e riscos que enfrentam, ressaltamos que não deixam de sonhar e nem perdem a esperança. A pesquisa apresentada por M. I. C. Millen e J. C. Millen, no artigo “Drogas: interpelações à teologia moral”, podemos ver viva a esperança. Com vistas às expectativas de vida que cultivam esses jovens, temos os seguintes indicadores: 43,4% sonham em trabalhar, 26,6% em estudar, 15,7% em conseguir lugar para morar, 15,0% em melhorar relação com a família, 9,4% querem ocupar melhor o próprio tempo, 9,4% resolver problemas pessoais, 9,2% desejam conseguir usar menos drogas ou até parar, 4,3% querem conseguir comida, 3,5% resolver problemas de saúde, 0,9% resolver problemas com a polícia, 1,0% não precisa de ajuda e 59,6% têm outras expectativas de vida além das apresentadas<sup>6</sup>. Eles creem que é possível viver de maneira diferente, eles creem que a vida pode melhorar, que o futuro será diferente, que o sofrimento será superado.

Queremos nesse momento parafrasear o Papa Francisco, no discurso que fez ao episcopado brasileiro por ocasião da Jornada Mundial da Juventude<sup>7</sup>: não joguemos fora os “pedaços” de esperança que povoam o coração de nossas juventudes. Tenhamos a humildade de aguardar, junto deles, a plenitude da esperança que vem sobre essa base despedaçada que tantas vezes parece sem sentido e insuficiente para as expectativas sociais e eclesiais. Saibamos que é sobre essa base que Cristo faz sua obra, é sobre essa base de esperanças fragmentadas que o Senhor faz acontecer a plena esperança, é do “Oriente e do

---

<sup>5</sup> Cf. *Ibid.*, p. 79-80.

<sup>6</sup> Cf. MILLEN, M. I. C.; MILLEN, J. C., *Drogas: interpelações à teologia moral*, In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (orgs.), *Ética teológica e juventudes*, p. 225-226.

<sup>7</sup> FRANCISCO, *Encontro com o episcopado brasileiro, discurso do santo padre*, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 88-89.

Ocidente” que virão multidões para assentarem-se à mesa do Reino, não apenas um povo seletos terá essa graça. Não tenhamos medo dos sonhos de nossas juventudes, não deixemos que a cultura do descartável nos faça olhá-los com desprezo ou com eterna desconfiança, são eles a janela pela qual nos vem o futuro, são eles os depositários de nossa esperança, são eles os protagonistas também do presente, precisamos apostar em cada um, testemunhar-lhes a beleza do cristianismo e dizer-lhes que comungamos de suas esperanças e queremos que elas se plenifiquem na verdadeira esperança que é o Cristo, aquele que veio, que vem e virá. Sim, continua vindo, continua encarnando-se em nossa história, continua sendo o Emanuel, aquele que caminha com sua gente, que não abandona, que santifica a humanidade em todas as suas dimensões, que não “deixa de fora” as juventudes, mas que as ajuda sempre a encontrar a verdade, a liberdade, a dignidade de filhos e filhas de Deus.

Muitos dos crentes podem pensar que as esperanças juvenis sejam vazias ou dispersas, mas lembramos aqui as palavras do Papa Francisco quando convoca a Igreja a estar principalmente ao lado daqueles que estão dispersos, que estão longe, que deixam de caminhar com o Senhor e com a Igreja. Assim, mesmo que as esperanças de nossas juventudes sejam esperanças encobertas pelas tramas de sistemas desumanizantes e perversos, a Igreja é chamada a estar ao lado daqueles que estão deixando Jerusalém por não mais crer que seja possível a ressurreição, eis que:

Faz falta uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles. Precisamos de uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto, com a desilusão de um cristianismo considerado hoje um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido<sup>8</sup>.

Não podemos negar que nossas juventudes são repletas de sonhos e esperanças próprias de suas realidades, na grande maioria de escassez, de desigualdades, de violências e de tantos outros sofrimentos. Enfim, estamos diante de jovens que se preocupam com o seu futuro e com o futuro da humanidade, que cultivam a esperança de um mundo menos desigual, que proporcione a vida em abundância para todos. Ouvir que essas juventudes consideram o temor a Deus

---

<sup>8</sup> Ibid., p. 96.

como principal valor de suas vidas abre-nos caminhos para podermos apresentar a eles, ou talvez dialogarmos com eles, sobre uma esperança que irá plenificar todas as suas esperanças, todos os seus sonhos, que os colocará “em pé” diante de todas as suas preocupações e lhes fará prontos para a missão de construir o mundo que sonham, o que chamaremos aqui de um mundo que antecipa o Reino de Deus, o Reino da esperança realizada, a plenitude do que aqui será parcial, mas que precisa estar em construção. Com C. Kuzma acreditamos que:

[...] falar de esperança cristã em termos cristãos é falar do futuro de Deus que estamos destinados e que nos foi revelado em magnitude pelo evento de Cristo; viver essa esperança é apoiar-se na fé do Cristo ressuscitado e crucificado, seguros e ativos no caminho apresentado por ele em prol do Reino de Deus, que se traduz, majestosamente, em vida e plenitude. Por essa razão, entendemos que esse futuro de Deus e tudo aquilo que o envolve é objeto da esperança cristã, motivando-a, a partir do que é experimentado na fé, a uma ação concreta no mundo atual, num autêntico amor criativo, ou seja, a uma missão<sup>9</sup>.

Eles precisam receber a herança da fé, da esperança, da caridade; eles têm o direito de receber o testemunho de esperança que mobilizou centenas de gerações até o tempo presente, eles não podem ficar à margem dessa caminhada iniciada desde os primórdios da criação e cujo futuro foi revelado plenamente em Cristo. Queremos que nossas juventudes saibam que suas esperanças se fortalecem em Cristo, que seus sonhos e desejos de um mundo melhor estão em sintonia com o desejo de Deus para a humanidade, com o futuro de Deus para todos nós, e que por isso vale a pena prosseguir na busca de suas realizações, sem perder de vista que existe “algo mais”, algo que nos faz ter forças na caminhada, nos faz não tombar diante das frustrações e da perversidade de sistemas econômicos que se dedicam em fortalecer a cultura do descartável.

Queremos apresentar às nossas juventudes, colocar em diálogo com suas esperanças a esperança cristã, que é o próprio Cristo, que é o seu Reino, e que cada jovem pode incorporar em suas esperanças pessoais para que sua missão aconteça na certeza e garantia de que a plenitude chegará. Mesmo que a “cruz” pareça ter sido a última palavra, temos a confiança de que nossas esperanças não são vãs, pois na verdade a vida plena teve a última palavra, aquele que foi adiante de nós volta ao nosso encontro e nos dá a certeza de que estamos indo na direção do todo, que um dia será tudo em todos. “O futuro resulta daquilo que foi

<sup>9</sup> KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica*, p. 17.

prometido e querido por Deus”<sup>10</sup>, assim, não podemos abrir mão da missão de antecipar o Reino, de lutar por nossas esperanças. Nossas juventudes devem ser destinatárias privilegiadas do testemunho de nossa Igreja, testemunho que anuncie o Cristo, o Verbo que se fez carne e veio habitar entre nós, o Verbo que abriu mão de sua condição divina para assumir nossa “carne”, para nos salvar e libertar, para revelar a plenitude de nossa humanidade, para deixar Deus habitar com o humano e assim divinizar a humanidade por meio da humanização da criatura.

Prossigamos vendo o divino que está em nossas juventudes e algumas das suas características que nos mostram o belo lugar teológico que constituem.

#### **4.1.2. O divino no jovem**

Não podemos abordar essa temática sem nos basearmos na obra de H. Dick, “O Divino no Jovem”. O autor, pesquisador e militante nas causas das juventudes, com sua obra nos possibilita importantes reflexões acerca das juventudes como lugar teológico, como lugar de esperança, como lugar de construção do Reino de Deus. Lembramos que nossas juventudes gozam da mesma dignidade que qualquer outra pessoa, são filhos e filhas de Deus, portadores de esperança, que ajudam toda a humanidade a viver a esperança de algo melhor. H. Dick nos diz:

Faz um bem enorme ouvir um canto dizer que “o rosto de Deus é jovem também” ou, então, “se a juventude viesse a faltar o rosto de Deus iria mudar”. Sabemos que são balbucios, mas balbucios necessários, à espera de algo melhor. Está em jogo a dignidade da juventude e a dignidade da sociedade, para não falar da dignidade da Igreja, Povo de Deus<sup>11</sup>.

Entendemos que, a imagem de Deus não está presente apenas em homens e mulheres que se encontram dentro das estruturas eclesiais, ou que demonstram sua “identificação” com Deus por meio de suas práticas rituais, pertenças pastorais, e tantas outras iniciativas de cunho religioso e institucional. Não queremos aqui negar a importância da religião na caminhada do povo, mas queremos alargar nossas interpretações, queremos que os jovens sejam reconhecidos como imagem do Criador, destinatários e construtores do Reino, em suas realidades existenciais, em suas esperanças, alegrias, medos, inseguranças, buscas, e até mesmo em suas

<sup>10</sup> KUZMA, C., op. cit., p. 17.

<sup>11</sup> DICK H., *O divino no jovem*, p. 6.

quedas que clamam pela presença de cristãos compassivos e misericordiosos, dispostos ao acolhimento. Tratar do divino no jovem é desafiar-se a uma nova forma de evangelização mediante as juventudes. Talvez eles não precisem de pessoas que se coloquem diante deles como “donos da verdade”, que tudo tem a ensinar, que conhecem as respostas e sabem todos os caminhos. Algumas “verdades” são mais opressoras que libertadoras, são mais escravizantes que geradoras de autonomia. A verdade cristã não desconsidera o chão da humanidade, não deixa de levar em conta as belezas e desafios que cada um traz em si. Aproximar-se das juventudes, sabendo que elas trazem em si as “marcas” do Criador, exige uma Igreja que atue no respeito, no acolhimento, no cuidado, enfim, que tire as sandálias antes de pisar no solo sagrado que é a vida do outro, sabendo que Deus os habita, e que muitas vezes o que falta é apenas o reconhecimento dessa realidade.

Estamos diante de jovens portadores de esperança, que almejam um mundo mais digno para si e para a humanidade. Jovens, que mesmo em meio aos seus sofrimentos cotidianos, cultivam esperanças e podem acolher uma esperança maior, que podem assumir a esperança cristã e entregarem-se a construção do Reino. Junto com H. Dick, acreditamos que Deus, que a esperança cristã, que os valores evangélicos, cabem na vida das juventudes, que não são realidades externas que devam ser impostas, mas precisam ser reconhecidas nas diversas dimensões de suas vidas, como: na amizade, na festa, na vivência em grupo, na descoberta, na doação, na alegria, na gratuidade e em tantas outras dimensões que fazem parte da história das jovens esperanças da Igreja. Segundo o autor, “o grande desafio que se apresenta à evangelização juvenil é penetrar, com uma Boa Notícia, no mundo da cultura juvenil”<sup>12</sup>, ou seja, com uma linguagem que não lhes seja estranha, mas que fale de realidades que são das juventudes, realidades das quais precisam empoderar-se com maior consciência e reconhecimento, uma linguagem que indique as verdades divinas que são reais em seu cotidiano, em suas histórias pessoais, em “seu jeito jovem” de viver. H. Dick nos faz lembrar as palavras de Paulo VI: “A ruptura entre Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas” (*EN*, n. 20). Anunciar a esperança cristã em um plano desencarnado, sem estar inserida nas realidades juvenis, é assumir o risco do descrédito mediante as juventudes ou o

---

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 8.

risco de criarmos uma espiritualidade que não seja cristã, uma vez que cremos e esperamos por um Reino que será pleno a partir de nossas realidades plenificadas em Deus, e não na destruição da criação em contrapartida do paraíso<sup>13</sup>, assim, podemos dizer que “falar de juventude é, também, falar de Deus que é semente dentro dela”<sup>14</sup>. Para falar de esperança cristã às juventudes é necessário que saibamos que:

O jovem necessita não somente que falemos para ele de um Deus que vem “de fora”, mas de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser, desejando irromper e deixar de ser um grito silenciado. O Deus da juventude tem um rosto de juventude, com tudo o que isso significa. [...] Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil<sup>15</sup>.

Aproximar-se das juventudes, criar espaços de encontro, de escuta, de acolhimento para as novidades que trazem, abandonar os discursos de condenação abrindo-se a misericórdia, fazendo com que a esperança anunciada nos documentos eclesiais tome “carne” no mundo pastoral e teológico, são caminhos para o novo de Deus que se achega por meio das juventudes. Assim,

Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade, mas porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade<sup>16</sup>.

Querer que o Senhor faça novas todas as coisas (cf. Ap 21,5) é abrir-se também ao novo que vem com as juventudes, inclusive para elementos teológicos pouco explorados pela teologia “adulta”. Para H. Dick a amizade é um elemento teológico das juventudes. Conseguir ver em sua ânsia por amizades a possibilidade de uma amizade mais profunda pela qual suspiram, é ver em cada um o espaço para uma verdadeira amizade com o Senhor, é compreender que Deus para as juventudes é esse Deus que se revela buscando a amizade do ser humano e que diz: Já não os chamo de servos, mas amigos (cf. Jo 15,15)<sup>17</sup>. Aprendem a gratuidade quando vivem verdadeiras amizades, gratuidade que vem

<sup>13</sup> Sobre essa temática podemos pesquisar a obra de J. Batista Libanio e M. Clara L. Bingemer: *Escatologia Cristã*, p. 102-119.

<sup>14</sup> DICK H., op. cit., p. 13.

<sup>15</sup> Ibid., p. 14-15.

<sup>16</sup> Ibid., p. 15.

<sup>17</sup> Cf. Ibid., p. 42.

do Criador, que por amor gratuito tudo criou. Vemos nesses dois elementos, a amizade e a gratuidade, que nas juventudes estão os “traços” de Deus, os traços da verdadeira esperança.

Ainda com nosso autor podemos falar de outros elementos teológicos que estão nas juventudes, dentre os quais destacamos a festa<sup>18</sup>. Certamente algumas atividades juvenis sejam repletas de elementos de morte, de destruição, de drogas, de maldades, mas essas nem ao menos podem ser chamadas de festas. A festa acontece quando se celebra a vida, se faz memória, se deseja o bem para o futuro. H. Dick nos diz que “para a vida ser vinho, e não água, nada melhor que jarras enormes, cheias de juventude”<sup>19</sup>. Juventudes com o sabor da alegria, da beleza, da esperança, da solidariedade, do vigor, do encontro, da disposição, do novo, da liberdade, e de muitos outros sinais de Deus. Festejar a vida, festejar o amor, festejar as conquistas, estar com quem se ama em um tempo que rompe os tempos de dor e sofrimento do cotidiano, em um *kairós* que regozija e refaz! São realidades que perpassam as festas de nossas juventudes, são sinais divinos que festejam em nossas juventudes e reacendem a chama da esperança que está em cada jovem.

Para que a vida das juventudes seja uma verdadeira festa elas necessitam de “genitores” que as levem a abraçar a vida em sua totalidade e transcendência. Muitos adultos têm medo dessa possibilidade de encontro tão próximo com as juventudes, medo de deparar-se com sua “rebeldia”, com seus questionamentos, com seu jeito “irreverente” de ser, com seu jeito ousado de viver a esperança. No entanto, “quando o jovem percebe que o adulto não lhe tira sua identidade, mas o ajuda a descobrir-se naquilo que é, ‘apaixona-se’ por esta pessoa”<sup>20</sup>. Assim as juventudes poderão potencializar esse elemento de seu cotidiano reconhecendo a sacralidade que contém, valorizando ainda mais cada momento festejado, cada memória feita com os amigos. Estamos diante de sujeitos da própria vida e não de meros expectadores, objetos de uma ou outra realidade. Sujeitos capazes de construir um mundo novo com a força da novidade que trazem em seu ser. Isso é motivo de alegria e de constante festa, e sempre crescente na medida em que reconhecem a alegria de Deus em sua própria alegria. Às nossas juventudes cabe o

<sup>18</sup> A temática da festa pode ser aprofundada na obra de TABORDA, F., *Sacramentos, práxis e festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos*, Petrópolis, Vozes, 1998.

<sup>19</sup> DICK H., op. cit., p. 43.

<sup>20</sup> Ibid., p. 45.

direito de receber a herança da fé, de uma fé que faz festejar suas conquistas e suas esperanças junto ao Deus amigo e companheiro revelado por Jesus Cristo, e celebrado ao longo de tantos anos por tantas e tantas gerações. A festa pode ser corrompida e então deixa de ser festa legítima e quando assim acontece carece de resgate, de ressignificação, e os cristãos são os responsáveis pela missão de cuidar daqueles nos quais depositam suas esperanças.

Outro aspecto teológico das juventudes é a vivência comunitária. O jovem geralmente não gosta de estar só. O medo da solidão é tão profundo que muitos se isolam nas redes sociais para terem a garantia da companhia de alguém, mesmo que esse alguém seja um desconhecido fadado a nunca ser visto face a face. Experimenta com toda a força a beleza do grupo, e pode aprender a beleza do comunitário, da convivência, da fraternidade. Assim,

Encarando essa realidade como descoberta, no cotidiano sair de si, na vontade doída de ver o final de semana chegar, vislumbramos que a vontade divina de ser se manifesta de modo gritante na juventude. Por isso entendemos porque o jovem, com seu jeito espontâneo e crítico, de acolhida e rejeição, recorda sempre que a Igreja não pode resumir-se em ser “sacramentalista”, mas que ela é chamada a ser comunidade. O que a juventude sonha é uma Igreja que celebra a vida, que seja um povo de irmãos, que seja comunhão e participação, que tenha preferência pelos pobres, que seja profética e libertadora, que seja solidária e evangelizadora, que seja capaz de confiar e desafiar, isto é, que seja comunitária<sup>21</sup>.

Diante do gosto pela vivência em grupo que está latente nas juventudes, almejamos uma Igreja de comunhão que testemunhe às juventudes a beleza e a necessidade de viver em comunidade, em ministerialidade, onde cada um soma no todo, como irmãos revestidos da mesma dignidade. Este será um testemunho que possivelmente fará diferença na vida dos jovens que atuam na Igreja, bem como daqueles que estão fora da comunidade eclesial; um testemunho capaz de atrair, capaz de oferecer ao jovem um espaço não só de acolhida e valorização, mas de segurança, de proteção e de abertura para o futuro. As juventudes são propensas ao grupo, podem ser também à comunidade, desde que essas sejam ambientes de verdadeira comunhão. Dentro desses grupos, dessas comunidades, estão verdadeiros profetas do Reino, com o potencial de se mobilizarem em defesa da vida, em defesa de causas que são significativas para toda a humanidade.

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 52.

Porém, o contrário também é possível, se nossas juventudes tiverem diante dos olhos apenas modelos deturpados da vivência comunitária, ou se estiverem perdidos na desesperança, no desamor, na insignificância, na invisibilidade, violentados e violentos em função de sistemas doentios, seus grupos poderão tornar-se uma ameaça para si mesmos e para toda a sociedade. Faz-se urgente uma evangelização que encontre os jovens e mostre-lhes o quanto seu desejo de estar em grupo vem de Deus e pode levá-los a uma realidade sempre mais plena de vivência comunitária. H. Dick nos alerta:

Deus não quer ver-nos como “massa”, mas como “povo”. Deus não sonhou somente o “jovem”; Ele deseja “juventude”, isto é, jovens organizados. Deus deseja ver “juventudes” e, para isso acontecer, uma consequência da vivência grupal é a organização. Uma das formas melhores do jovem encontrar sua identidade e sua missão no mundo é pertencer a uma organização que o leva a assumir responsabilidades, planejamentos, pedagogias, relacionamentos; isto é, a ele abraçar a sua identidade de protagonista<sup>22</sup>.

Jovens protagonistas, com coragem de ousar, com ousadia profética, com o anúncio vivo em suas ações, palavras e sentimentos, capazes de denunciar as opressões que recaem sobre o povo, e de empenhar a vida por Jesus Cristo. Nossas juventudes possuem em si a esperança, a capacidade de fazer a história acontecer e o futuro de Deus chegar-se sempre mais ao presente da humanidade. Eles são a janela pela qual entra o futuro, são caminho por onde Deus vem ao seu povo, são o vigor de novas iniciativas no aqui e agora, e cada cristão que os antecede é convidado a reconhecer o Deus que os habita e assim perder a arrogância de pensar que nossas juventudes são folhas em branco, objetos de esperança e evangelização, ao invés de vê-los também como sujeitos de esperança e evangelizadores que com a vida cotidiana, a mesma vida que o Verbo de Deus assumiu para si, podem testemunhar Deus à humanidade. Enfim,

A Boa Nova não só vem de fora; ela é semente escondida na terra e precisa ser cultivada com respeito enorme. Quando lemos no Evangelho de São João que Jesus diz a Pedro que “seu eu não te lavar, não terá parte comigo” (Jo 13,8) chama a atenção para a importância do evangelizando “ser lavado”, isto é, conhecido e respeitado em sua intimidade porque o Reino precisa ser “lavado”, isto é, desvelado, retirando cegueiras e sujeiras que impedem fazer parte do Reino que já está ali. É preciso saber, principalmente a partir de certa idade, enfrentar e desejar ajudar a construir a liberdade do outro. Pode até acontecer que o outro não queira ser lavado, julgando que não precisa, como Pedro no Evangelho. O importante é ter

---

<sup>22</sup> Ibid., p. 55.

a bacia nas mãos e o sabor da novidade no coração, com disposição de lavar, isto é, de desvelar o mistério que exige outra postura de vida, saindo do estabelecido. Cristo não estava fazendo somente um gesto; havia assumido Pedro em sua vocação e grandeza<sup>23</sup>.

O jovem é uma realidade que nos revela Deus, com sabedoria precisamos aprender a revelar ao próprio jovem a riqueza infinita que mora nele<sup>24</sup>. Com H. Dick podemos dizer:

A juventude não está feita: ela está se fazendo. Carrega em si a dimensão da criatividade e de uma criação que não está pronta. Ela é a encarnação da criação acontecendo na humanidade. Quando Javé convidou Abraão a sair da Caldéia, aceitou o novo e o desconhecido (Gn 12). Em Abraão o tempo principal é o futuro, movendo-se pelo que vai vir. O que o move é o desejo. A utopia. Assim é a juventude. Mesmo sendo o presente, é o futuro que move o jovem<sup>25</sup>.

Quando entendemos que o futuro move os jovens, então somos desafiados a testemunhar incansavelmente a verdade do futuro para nossas juventudes. Não podemos pecar por omissão, deixando-os presos a um futuro passageiro. Como cristãos, somos enviados a testemunhar Deus como o verdadeiro futuro da humanidade, de maneira que já no presente possam vivê-lo concretamente dentro de suas experiências cotidianas, abrindo-se a esperança cristã que vem restaurar e dar plenitude a todas as esperanças humanas.

Na sequência veremos algumas características dessa esperança cristã que perpassa gerações e vem dando a muitos a plenitude das próprias esperanças.

#### **4.2. Esperança cristã: uma herança para as juventudes**

Como vimos no capítulo anterior, em meio a alguns paradigmas relativos às juventudes está o de potencial transformador. Dentre tantas compreensões a esta afirmação gostaríamos de lembrar que o interesse nas novas gerações seria por demais mesquinho se fosse mobilizado simplesmente pela preocupação com o futuro e não propriamente pelo valor que as juventudes têm em si mesmas.

Não queremos que a esperança depositada em nossas juventudes seja compreendida como mero aproveitamento da força capaz de garantir o futuro e o cuidado dos adultos e crianças de hoje. Precisamos fazer com que esse paradigma

<sup>23</sup> Ibid., p. 21.

<sup>24</sup> Cf. Ibid., p. 22.

<sup>25</sup> Ibid., p. 28.

não se transforme em peso aos que chamamos de nossa esperança. Queremos olhar as juventudes como lugar e realidade teológica, onde Deus está e se comunica, como sujeitos de esperança e não meros objetos<sup>26</sup>. Falar de esperança nesse contexto nos faz querer dizer a qual esperança nos referimos, qual o significado que ela tem para nós cristãos e de que maneira ela vem alimentando inúmeras gerações ao longo da história do cristianismo, cuja origem está antes da encarnação do Verbo. Acreditamos que as esperanças que carregam nossas juventudes possam ser plenificadas naquele que é nossa verdadeira esperança, o Cristo Senhor. Resgatamos aqui as palavras do Papa Francisco:

[...] trata-se de transmitir uma herança, e, quanto ao método, é decisivo lembrar que uma herança sucede como na passagem do testemunho, do bastão, na corrida de estafeta: não se joga ao ar e quem consegue apanhá-lo tem sorte, e quem não consegue fica sem nada. Para transmitir a herança é preciso entregá-la pessoalmente, tocar a pessoa para quem você quer doar, transmitir a herança<sup>27</sup>.

Diante da realidade de tantos jovens, que representam a esperança da Igreja, queremos dizer algo sobre a esperança que a Igreja tem a oferecer a eles. Segundo J. Comblin, a Igreja deve oferecer aos mais desesperados o testemunho de sua esperança<sup>28</sup>, ou seja:

Muitos esperam que a Igreja lhes forneça o consolo, a serenidade, a solução dos problemas. Muitos, na Igreja, sentem-se comovidos por essa espera das pessoas e gostariam de poder consolar, resolver os problemas, dar tranquilidade. Essa, porém, não é a missão da Igreja nem ela tem os recursos para fazê-lo. Seu papel é apontar uma esperança situada além de todas as formas de desejos vividos conscientemente pelas pessoas<sup>29</sup>.

Na sequência veremos a esperança cristã que assume nossas esperanças para que elas não sejam vãs, mas encontrem a plenitude. Apresentaremos essa herança, pois acreditamos que é direito das juventudes recebê-la, uma vez que nossa esperança é o Senhor. Destacaremos alguns aspectos que julgamos necessários a compreensão da esperança cristã como herança que pode enriquecer a vivência juvenil e a plenificação de suas próprias esperanças: pretendemos mostrar que essa esperança perpassa gerações e vem dando significado a luta de muitos povos

<sup>26</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, *Civilización del amor*, n. 22. Tradução nossa.

<sup>27</sup> FRANCISCO, *Encontro com o episcopado brasileiro, discurso do santo padre Francisco*, 27 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 104.

<sup>28</sup> Cf. COMBLIN, J., *Viver na esperança*, p. 20.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 19.

por um mundo mais digno em que o Reino vai acontecendo dia a dia, perpassando seu significado profundo através de Jesus Cristo e do Reino por ele anunciado.

#### 4.2.1.

#### **Esperança em Israel: o Deus que liberta gerações**

Diante da realidade de tantos jovens, que são portadores da esperança da Igreja, podemos nos questionar sobre o que é esperar, ou ter esperança, como definir essa palavra que para tantos pode soar como uma simples alienação ou fuga do mundo presente, assim como pode ser pensada por outros como a acomodação daqueles que não têm condições de lutar por aquilo que acreditam? Assumiremos essa definição partindo da tradição cristã. Queremos pensar a esperança a partir de Jesus Cristo e de sua mensagem acerca do Reino de Deus, no entanto, não podemos nos esquecer de que essa esperança da qual falamos tem suas raízes no povo da antiga aliança e em Jesus Cristo seu cumprimento e abertura.

A esperança aparece no AT sob o significado da promessa, a cumprir-se na história<sup>30</sup>. É Deus quem vem ao seu povo, é Ele quem estabelece aliança, quem promete a Abrão a descendência, a terra e o trono (cf. Gn 17,2.4.16). É Ele quem ouve o clamor de Israel, desce para libertá-lo (cf. Ex 3,7-8) e o coloca em marcha na busca da terra prometida (cf. Ex 33,1-4). O Deus da esperança veio ao encontro do povo da antiga aliança, e nos tempos atuais, onde muitos de nossos jovens vêm se afastando da religião, é necessário que os ajudemos a fazer memória da história desse povo, que reconheceu em seu Deus, o seu Criador, o seu Libertador e Salvador. Muitas juventudes carecem por falta de referências que as ajude a estruturar seus valores e personalidades. Pensar a história de Israel ao lado do Deus da esperança é oferecer às nossas juventudes uma esperança que perpassa a história e também suas vidas pessoais. Não estamos falando de algo distante ou desconectado da terra, mas do Deus que vem e caminha com seu povo, que ouve seus clamores e coloca-se ao seu lado no caminho da libertação. O Deus de ontem é o Deus de hoje, o Deus que libertou Israel é o Deus que liberta ainda hoje, e que caminha também com os jovens em suas angústias e esperanças.

---

<sup>30</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulário de teologia bíblica*, p. 251-255; BORN, A., *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 476-477; HOFFMANN, P., *Esperança*, p. 85.

Para J. Comblin é a fidelidade que dá sentido à vida dos justos do AT, que souberam esperar, guardar o dom que tinham e aguentar até o final da vida, mesmo sabendo que não poderiam ver o advento do Senhor. É nessa dimensão de fidelidade na espera que devemos interpretar a expressão de confiança muitas vezes expressa nos Salmos (cf. Sl 36,3-7; 39,5; 90,1-4) ou no livro da Sabedoria (cf. Sb 3,1-4). Não se trata de textos que conduzem a inércia ou a passividade diante da vida, mas refere-se à espera de Deus. Muitos personagens do AT a quem Deus dirigiu sua aliança não viram realizadas suas esperanças, mas nem por isso deixaram de confiar nas promessas e serem fiéis ao Deus da aliança<sup>31</sup>. Assim como o povo de Israel, muitos de nossos jovens não veem se cumprir suas esperanças, muitos se agarram em Deus como sua única saída em meio as necessidades presentes, mas nem sempre são atendidos em suas urgências, e aí vem o risco da revolta contra Deus, pelo fato de carregarem consigo a imagem de um “Deus Supermercado”, que serve apenas para suprir necessidades pessoais. Nós cristãos, carecemos de clareza em nossa fé para revelar o verdadeiro rosto de Deus e não deixar que nossas juventudes percam sua fé e suas esperanças diante das dores e sofrimentos, mas possam experimentar o amor misericordioso de Deus que as acompanha sempre, de modo que, mesmo que suas esperanças cotidianas não se cumpram, possam ter a garantia da fé de que sua esperança maior, a esperança no Cristo Ressuscitado, não falhará, pois o prometido às nações veio e nos garante a realização plena de nossas esperanças. É fundamental que alicercem no Deus verdadeiro todas as suas esperanças, e não naquele criado por nossas concepções egoístas e distorcidas.

Segundo J. Y. Lacoste, a esperança que perpassa a história de Israel manifesta-se em muitas passagens do AT mostrando sua vivacidade de geração em geração, mesmo que sua realização ainda estivesse na promessa. É uma esperança que não morre com o tempo e que tão pouco está reduzida a fatores naturais, uma vez que está aberta ao futuro do povo junto de Deus. Vemos isso nas promessas feitas à monarquia de Davi (cf. 2Sm 7,12-17), no anúncio profético de uma salvação escatológica (cf. Is 8,23b-9,6), na esperança de uma renovação e de uma universalização da aliança (cf. Ez 34,25; 37,26), na revivescência do homem (cf. Ez 11,19s; 18,31; 36,26), na nova presença de Deus no meio do povo (cf. Ez 40-47). Nos Salmos identificamos a esperança de Israel na confiança

<sup>31</sup> Cf. COMBLIN, J., op. cit., p. 48-49.

depositada em Deus (Sl 13,6; 22,5) ou como fonte de louvor (Sl 33,18-22). Diante das variadas representações messiânicas, a história de Israel direciona-se a um futuro absoluto do povo e frente à morte, a teologia apocalíptica, orienta para o futuro absoluto do indivíduo (cf. Is 26; Dn 12,1s), enquanto se vê também aparecer uma confiança na proximidade de Deus no coração mesmo da morte (cf. Sl 73,26s)<sup>32</sup>.

A esperança está aberta ao futuro de nossas juventudes assim como esteve para o povo de Israel, está aberta às novas gerações, às novas culturas, às novas formas de viver a fé. Não queremos trair a Tradição, mas dizer que pela esperança cristã essa Tradição, bem como as Escrituras, podem e continuam tomando vida na vida das juventudes. É Deus quem continua fiel, que sabe das fraquezas de seus filhos e filhas e os quer firmes na esperança, por isso envia aqueles que já estão na caminhada há mais tempo para comprometerem-se com a vida das juventudes e se empenharem em lhes entregar a herança da fé, da esperança e da caridade, de modo que possam experimentar em suas vidas a libertação experimentada pelo povo de Israel, na certeza de que nem mesmo a morte terá a última palavra diante do Deus da esperança.

J. Comblin chama o AT de “livro da esperança”, o livro que tem por conteúdo o anúncio do futuro e que pela sua exigência é apelo para a esperança. O AT apresenta-nos Deus como aquele que anuncia o futuro, que faz ter conhecimento do que virá mais tarde (cf. Is 44,7). “Portanto, a esperança do futuro é resposta ao verdadeiro Deus [...]”<sup>33</sup>. No NT vemos Paulo confirmando essa esperança que sustentou os judeus por séculos e que encontrou em Jesus Cristo sua resposta:

Estou aqui, diz Paulo, por causa da minha fidelidade ao Israel verdadeiro. Por isso, os fariseus me denunciam. Sabem eles, desde longa data, e se quisessem poderiam testemunhá-lo, que vivi segundo a interpretação mais rigorosa de nossa religião, isto é, como fariseu. Mas agora sou acusado em juízo por causa da esperança da promessa que foi feita por Deus a nossos pais e a qual as nossas doze tribos esperam alcançar servindo a Deus noite e dia. Por esta esperança, ó rei, é que sou acusado pelos judeus (At 26,5-7).

O pano de fundo que alimenta a esperança cristã está na esperança que viveu o povo do AT. Por diversos textos da Escritura podemos perceber que o

<sup>32</sup> Cf. LACOSTE, J. Y., *Esperança*, p. 644.

<sup>33</sup> COMBLIN, J., op. cit., p. 8.

povo de Israel vive na esperança, possui “alma de esperança”<sup>34</sup>, espera em Deus por gerações, como podemos ver no texto de Miqueias:

Acontecerá, no fim dos tempos, que a montanha da casa do Senhor será estabelecida à frente dos montes, e será mais elevada que todos os outeiros. Os povos afluirão ali, numerosas nações ali virão, dizendo: Vinde, subamos à montanha do Senhor, à casa do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos, e andaremos por suas veredas. Porque de Sião sairá a doutrina, e de Jerusalém a palavra do Senhor. Ele será árbitro de numerosas nações e juiz de povos longínquos e poderosos. Eles farão de suas espadas relhas de arado, e foices de suas lanças; uma nação não tirará mais a espada contra outra, e não se exercitará mais para a guerra. Mas cada um habitará sob a sua vinha e sob a sua figueira, sem que ninguém o moleste; porque assim o prometeu, por sua boca, o Senhor dos exércitos. Com efeito, todos os povos andam, cada um em nome de seu Deus; nós, porém, andaremos em nome do Senhor nosso Deus para sempre (Mq 4,1-5).

É isso que queremos, que nossas juventudes tenham “alma de esperança”, que não se deixem abalar mediante os inimigos da vida, que os fazem cair no desânimo, no desespero e não mais sonhar com uma vida melhor para si e para a humanidade. Seria desolador um mundo que não pudesse contar com a esperança das juventudes, com sua diversidade, com sua ousadia, com seu desejo de mudar o mundo. Israel teria sucumbido se não fosse herdeiro dessa esperança, se não fosse o povo a quem Deus prometeu a libertação plena e que soube esperar, mesmo em meio a tantas lutas e fraquezas.

Alguns autores como J. Comblin nos fazem entender que o povo do AT cultivou a esperança ao ponto de deixar de lado os bens materiais e até mesmo a cultura presente. Foi nesse ambiente que Jesus apareceu. Num ambiente de pessoas pobres e sofridas que, mesmo em meio às próprias traições, jamais deixou de esperar o cumprimento das promessas de Deus, esperar pela misericórdia de Deus, crêr nesse Deus que leva em direção ao futuro, que não é simples repetição do presente, mas totalidade dos acontecimentos que no presente estão em andamento<sup>35</sup>. Isso nos faz entender que Deus é eterna novidade e não se fecha a novidade das juventudes, ao contrário, manifesta-se nesse novo que vem a Igreja por meio dos jovens, como bem pudemos ver com H. Dick. Segundo J. Moltmann:

<sup>34</sup> COMBLIN, J., op. cit., p. 10.

<sup>35</sup> Cf. MAAG, V., *Malkût Jhwh*, Suplemento VII, p. 140 In: MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*, p. 131.

[...] Israel toma consciência da própria existência pelas lembranças históricas das promessas anteriores do Deus-guia dos antepassados nômades, e vê na dádiva da terra e do povo a fidelidade de Deus visivelmente mantida. Trata-se de uma consciência essencialmente diferente da encontrada nos cultos da terra e da fertilidade da Palestina. A terra e a vida não são colocadas sob a égide dos deuses por meio da religiosidade epifânica, mas entendidas como parte de história no grande processo da história da promessa<sup>36</sup>.

O autor acredita que o melhor é insistir na promessa como caráter fundamental da religião de Israel, pois aí está o motivo permanente e impulsionador das diferentes fases da história deste povo. Tratamos aqui de uma promessa que transcende qualquer presente. É da promessa que se origina a inquietude que não admite a reconciliação com um presente não pleno, tomando-o como história em andamento, que deixa as coisas para trás e irrompe rumo ao novo, para horizontes ainda não contemplados<sup>37</sup>. Também hoje, queremos possibilitar às novas gerações a inquietude que não as deixa conformar com o presente, que lhes abre ao novo, a uma novidade que ultrapassa tudo o que se pode esperar no tempo presente. Falamos de um futuro prometido e querido por Deus, cuja esperança nele nos move e nos coloca em missão respondendo à promessa divina<sup>38</sup>, com isso teremos sempre mais jovens envolvidos com a causa do Reino, esperado por Israel e revelado plenamente em Jesus Cristo, empenhados em ver as promessas de Deus se realizando na história até sua consumação.

Para H. Lepargneuri Israel “teve a vocação de encarnar a mais profunda esperança da humanidade”<sup>39</sup>. Israel é um povo que espera, um povo em marcha, nunca satisfeito com sua situação presente e por isso não para nela. A noção de promessa é fundamental no AT (cf. Dt 7,8), pois a esperança de Israel responde as promessas de Deus. “Esse binômio entabula uma dialética que estrutura a Aliança: promessa – fé – fidelidade – esperança – realização – nova promessa – etc”<sup>40</sup>. Estamos diante de algo que nossos olhos não podem abarcar, uma promessa que supera todo cumprimento que possamos compreender. J. Moltmann dirá que:

Os “cumprimentos” são tomados como explicações, confirmações e ampliações da promessa. [...] O “ainda não” da esperança supera qualquer “já” de cumprimento.

<sup>36</sup> MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*, p. 136.

<sup>37</sup> Cf. *Ibid.*, p. 138.

<sup>38</sup> Cf. KUZMA, C., *op. cit.*, p. 17.

<sup>39</sup> LEPARNEUR, H., *Esperança e escatologia*, p. 13.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 15.

Por isso, qualquer realidade de cumprimento já verificada se torna explicação, confirmação e liberação de uma esperança ainda maior<sup>41</sup>.

Estamos diante da inesgotabilidade do Deus da promessa, que não se limita em qualquer realidade histórica, mas que nos encaminha a uma realidade que lhe corresponda inteiramente<sup>42</sup>. Israel apresenta sua esperança escatológica de diversos modos e tem raízes, sobretudo no esquema javista. Destacamos aqui sua esperança messiânica. A esperança em um rei que seja de fato o “filho” do verdadeiro rei que é Deus, um rei que estivesse em consonância com a realeza de YHWH. Segundo M. Kehl trata-se de um rei pacífico, que faça reconhecida a vontade de paz e justiça de YHWH a todos os povos (cf. Is 2,1-5). A figura do messias-rei vai assumindo características mais humildes e humanas, com traços de pastor e de servo disposto a apascentar seu povo como um pobre que monta sobre um asno (cf. Zc 9,9s), sendo ele mesmo o pobre necessitado de ajuda<sup>43</sup>. Assim, a esperança messiânica dos profetas da realeza escatológica de YHWH e de seu “ungido” pode ser apresentada como:

O fenômeno mais chamativo na sequência dos vaticínios é sem dúvida o declínio do poder messiânico. Este se limita a uma ação pacífica. O messias possui o poder de Deus (‘herói divino’, ‘espírito de fortaleza’), porém não o utiliza. E este poder vai reduzindo – convertido em um simples ‘apascentar’ – até extinguir-se totalmente, de forma que o messias aparece como “pobre” e “desvalido”. Se diria que o Antigo Testamento tenta desligar progressivamente sua esperança messiânica da imagem real esboçada no Salmo 2. Nesta linha está também a transferência de poder para a palavra (Is 11,4; Zc 9,10). O messias perde os atributos de soberano que implicam poder e adota em troca as tarefas do profeta. O *munus regium* sede o posto ao *munus propheticum*. A diferença entre a ação de Deus e a ação do messias se acentua ao transferir a Deus a soberania régia e messiânica. Assim se combina o reconhecimento do poder de Deus com o reconhecimento da impotência de seu representante na terra. [...] o Deus do povo é proclamado Deus do mundo, também o rei do futuro adquire uma significação universal. A história dos vaticínios messiânicos leva assim ao paradoxo de que o âmbito da soberania do messias aumenta ao tempo que seu poder diminui<sup>44</sup>.

Falamos de uma salvação messiânica que inclui a paz universal para toda a criação (Is 11,6s; Ez 34,25s), a restauração da criação sob uma dimensão cósmico-universal. A paz de Deus, partindo de Israel, atingirá toda a humanidade, desde sua convivência social até seu relacionamento com o mundo e a natureza. Essa

<sup>41</sup> MOLTSMANN, J., op. cit., p. 141.

<sup>42</sup> Cf. VON RAD, G., In: MOLTSMANN, J., op. cit., p. 142.

<sup>43</sup> KEHL, M., *Escatologia*, p. 101-102. Tradução nossa.

<sup>44</sup> SCHIMIDT, W. H.; BECKER, J., In: KEHL, M., op. cit., p. 103. Tradução nossa.

paz que ainda hoje é desejada pela humanidade. Paz que é fruto da justiça, e pela qual muitas juventudes ao longo dos tempos entregaram suas vidas. Sabemos que o sonho de justiça e paz pode tornar-se uma luta ideológica que leva a humanidade a guerra quando desvinculada de Deus, por isso entendemos ser importante alimentar as esperanças das juventudes alicerçando-as no Deus da esperança, para que suas lutas não caiam no vazio e não sejam promotoras de destruição ao invés de serem promotoras de vida. Cremos que diante da história de um povo, o povo de Israel, nossas juventudes têm muito a aprender acerca do Deus da esperança, que ouve seu povo, vem ao seu encontro, caminha com ele e o liberta da escravidão. São muitas as escravidões, como vimos no capítulo anterior, que recaem sobre as juventudes e que clamam por libertação. É ao Deus do êxodo que confiamos a peregrinação de cada jovem, na certeza de que sua esperança maior, a esperança de vida plena, irá realizar-se em Cristo Ressuscitado, o esperado das nações.

A esperança de Israel também se anuncia no juízo próximo (cf. Sf 1,14-16; 3,9-10). O “dia de YHWH”, que era esperado como dia de salvação e bênção, desde Amós passa a ser esperado como o dia do juízo de YHWH sobre seu povo infiel. No entanto, a bênção de YHWH prevalece sobre o castigo, já que depois do juízo vem uma nova salvação para o “resto de Israel” que se converte e guarda a fidelidade. Assim,

Sob esta distribuição periódica das promessas se situam todas as esperanças de salvação diante do futuro. Na historiografia anterior de Israel, a salvação se baseava sobre tudo nas ações de YHWH no passado, nas quais cada geração participava mediante a atualização social, para receber assim a salvação de Deus. O pecado do povo e o conseqüente castigo desfazia esta realidade salvífica; o passado não oferecia um fundamento sólido e não era nenhuma garantia absoluta de uma nova salvação outorgada por Deus. Por isso o interesse se orienta para o futuro, a uma nova ação salvadora de Deus realmente definitiva e inquebrantável<sup>45</sup>.

Vemos anunciada uma nova história de Deus com o seu povo, sendo vista como um novo êxodo (Oséias, Jeremias, Ezequiel, deuterio-Isaías), um novo país de Israel (Ezequiel), uma nova aliança (Jeremias), um novo Davi (Isaías). Esta realidade nova supera absolutamente a antiga, pois é definitiva e não pode perecer<sup>46</sup>. No exílio tardio e o no pós-exílio aparece, sobretudo nos profetas Isaías

<sup>45</sup> KEHL, M., op. cit., p. 104.

<sup>46</sup> Cf. Ibid., p. 105.

(deutero e trito), Ageu e Zacarias, na segunda metade do século VI e V a.C., a proximidade do Deus libertador. A salvação próxima inclui a proclamação de YHWH como rei de Israel. Esse será o motivo que levará os exilados, que retornaram a Jerusalém, a reagirem repletos de esperança, uma vez que já não precisarão de um rei humano, pois YHWH os governará diretamente, e este será por meio de Israel a luz para todas as nações que carecem de uma legitimação divina própria<sup>47</sup>. Sendo nossas juventudes portadoras da mesma esperança de Israel, agora em Cristo, realizada, nada nem ninguém pode segurar a presença do Reino atuando diretamente em suas vidas e na vida de toda a humanidade, pois a força da esperança age mesmo em meio aos sofrimentos. Conforme A. T. Queiruga, a esperança é uma força que age mesmo mediante o mal, pois tem como horizonte a ressurreição<sup>48</sup>, sabe que a última palavra é da vida. No Deus da esperança não há lugar para a morte, para a violência, para a desigualdade, nele tudo será pleno, todos terão vida em abundância, e a esperança se realizará e todas as gerações poderão cantar as maravilhas feitas por Deus.

Foi na época dos Macabeus, século II e I a.C., que a esperança escatológica tomou nova forma, ou seja, a apocalíptica. Muitos temas apocalípticos apareceram nas visões proféticas de Isaías e Ezequiel, entre outros, porém como sistema unitário de esperança no futuro, a apocalíptica é fruto dos últimos séculos antes de Cristo ou do primeiro século depois de Cristo. No AT a apocalíptica está enfatizada em Daniel e em outros escritos do judaísmo que não configuram o cânon bíblico<sup>49</sup>.

Diante da esperança verificada no AT, queremos apontar para a sua unidade e diferença em relação ao NT. A “superção” do Antigo pelo Novo se dá numa interrelação, mesmo dentro de suas oposições. Inicialmente M. Kehl, pautado na metodologia hegeliana, nos diz que superar significa conservar os conteúdos da esperança de Israel compatíveis com o acontecimento de Cristo. O próprio Jesus assumiu a esperança no Reino de Deus e na ressurreição final dos mortos, sendo essa esperança de Israel parte constituinte de nossa esperança. Também conservamos, até certo ponto, a estrutura formal da esperança de Israel, sua combinação de promessa e cumprimento, que serão levadas a cabo pelo próprio

---

<sup>47</sup> Cf. Ibid., p. 106.

<sup>48</sup> Cf. QUEIRUGA, A. T., *Esperança apesar do mal, a ressurreição como horizonte*, 2007.

<sup>49</sup> Cf. KEHL, M., op. cit., p. 108.

Deus, sendo a promessa sempre inesgotável na história. O Deus que se revela a Israel, não é fragmentado, mas sempre amor trinitário, porém a transparência da história humana muda para ele, se desenvolve, tem uma história concreta e não retilínea que alcança em Jesus seu ponto culminante, superador e recapitulador de todas as demais fases da história, sobretudo do povo de Israel<sup>50</sup>. Assim podemos dizer que:

A história de Israel representa para nós aquela medida que significou antes de Jesus Cristo e para ele a maior transparência (até então) do amor comunicativo de Deus. Nela se integrou Jesus, dela participou e a aperfeiçoou em uma abertura única, absolutamente livre<sup>51</sup>.

Porém, superar significa também eliminar e anular algo. Tudo o que não é compatível com a promessa contida em Cristo perde seu valor para os cristãos. E por fim, dizemos com M. Kehl, que superar significa elevar a um plano superior, integrar em uma figura nova e definitiva. Tanto os conteúdos da esperança de Israel como sua estrutura formal agora são “realizados” definitivamente por obra de Deus. Isso implica que o caráter estrutural da esperança agora muda radicalmente. Em Jesus Cristo acontece algo qualitativamente novo e único no processo da esperança. Nele se dá a salvação de Deus na unidade indissolúvel e inconfundível da promessa de Deus e aceitação humana. No entanto, Jesus não encerra o caráter aberto de nossa realidade e história, pois ele mesmo segue sendo uma promessa que espera o cumprimento, porém de modo diferente de todas as demais<sup>52</sup>.

Na sequência, veremos a esperança a partir de Jesus Cristo, percorrendo alguns aspectos do NT que nos fazem perceber com maior precisão a continuidade e as rupturas que acontecem a partir do evento Cristo.

#### **4.2.2. Em Jesus Cristo, a plenitude da esperança**

Iniciamos este tópico lembrando que em nome de Jesus Cristo muitas gerações empenharam suas vidas no anúncio da boa nova do Reino. Homens e mulheres de todos os tempos e lugares alicerçaram suas esperanças naquele que é

---

<sup>50</sup> Cf. *Ibid.*, p. 85-86.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>52</sup> Cf. *Ibid.*, p. 87-88.

a verdadeira esperança cristã, o Cristo Senhor. Nos tempos atuais são muitas as realidades que dificultam a comunicação do cristianismo com as juventudes, as propostas oferecidas no cotidiano parecem mais atraentes e imediatas, no entanto, como vimos acima, nem todos estão satisfeitos. Muitos jovens querem algo a mais da vida, esperam algo diferente de sua existência pessoal e também da sociedade. Pecaríamos por omissão se deixássemos de apresentar a eles a possibilidade de uma esperança maior, de uma esperança que em Cristo tem a garantia de sua realização mesmo quando todas as demais esperanças falharem. Apresentar a esperança cristã às juventudes é dar-lhes o direito de usufruir de uma herança que lhes pertence e que não podemos reter, na certeza de que neles ela será sempre nova em seus atos pela ação do Espírito que a conduz.

Tratando da esperança cristã, queremos dar ênfase às palavras de J. Y. Lacoste: “A uma experiência colocada sob o signo do não-cumprimento, o NT opõe, antes de tudo, a experiência do cumprimento [...]”<sup>53</sup>. Em Jesus de Nazaré acontece a plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4) e igualmente a plenitude da divindade (cf. Cl 1,19; 2,9). Se Jesus é o Messias de Israel e Salvador das nações, nele terminou o tempo da promessa, e essa certeza a temos no dia da Páscoa<sup>54</sup>. Porém para a experiência cristã o redobramento das promessas é essencial, assim:

[...] em Jesus novas promessas foram feitas aos homens e que, no tempo do mundo, só podem ficar sem cumprimento. Lida como promessa (p. ex. Rm 8,29), a ressurreição de Jesus é instituidora da esperança; mesmo para comunidades que esperavam o regresso próximo de Cristo, era perfeitamente necessário nomear a esperança ao mesmo tempo que a fé e a caridade (1Cor 13,13); e os símbolos da fé exprimirão o sentido da mais primitiva esperança cristã quando dirão a espera na “ressurreição dos mortos” (“da carne”) e na “vida do mundo que há de vir (“vida eterna”)<sup>55</sup>.

Bento XVI, na carta encíclica *Spe Salvi* nos indicará a esperança cristã como aquela que supera todas as demais. Trata-se de uma esperança que transforma o mundo a partir de dentro. A carta aos Hebreus diz que os cristãos não têm neste mundo sua morada permanente, mas procuram a futura (cf. Hb 11,13-14; Fl 3,20), ou seja, o Cristo nos remete a uma nova esperança, que supera as expectativas judaicas que detinham-se ao Reino enquanto ação política e social a dar-se por

<sup>53</sup> LACOSTE, J. Y., op. cit., p. 644.

<sup>54</sup> Cf. Ibid., loc. cit.

<sup>55</sup> Ibid., loc. cit.

inteiro no presente. A esperança da qual falamos não nos quer alienar diante do presente e tão pouco nos fazer fugir de nossa história para recompensas “celestes” que estão por vir, mas, nos dá a consciência cristã de que: “[...] a sociedade presente é reconhecida pelos cristãos como uma sociedade imprópria; eles pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada” (SS, n. 4). Essa esperança traz às juventudes, novas motivações, mediante suas esperanças pessoais que tantas vezes são frustradas pela impossibilidade de realização. Como vimos muitos de nossos jovens não têm ao menos coragem de buscar realizar seus sonhos, e acabam atingidos pelo desespero, pela depressão e até mesmo pela falta de sentido para continuarem vivendo. Se imbuídos da esperança cristã, poderão experimentar a fidelidade de Deus que não os abandona e tão pouco deixa morrer o futuro, pois Deus é o próprio futuro daqueles que esperam em Cristo. Os que vivem a esperança cristã, inclusive nossas juventudes, saberão que:

O mundo não é um todo redondo e enclausurado em quietude autosatisfeita. Ao contrário, é dinamismo em constitutiva insatisfação: “Está, antes, repleto de disposição para algo, tendência para algo, latência para algo”. Todo ele borbulha de “latências e potências”: do que ainda não é, mas que tende a ser; de capacidades à espera de realização; de conflitos e transtornos que pedem equilíbrio; de frustrações que tendem a serem curadas; de deficiências em busca de plenitude; de fomes que anseiam serem saciadas<sup>56</sup>.

O mundo está deseioso de encontrar-se com Cristo que virá definitivamente, mas que nos tempos presentes vem de maneiras diversas através da humanidade<sup>57</sup>. A Igreja que reconhece em suas juventudes a esperança para seu futuro, também é convidada a reconhecer em cada jovem o presente de Deus em meio à humanidade, a porta por onde Cristo se aproxima no tempo presente. A ânsia do mundo por ter curadas suas feridas, por ver suas deficiências sanadas, e tantas outras de suas esperanças realizadas, pode encontrar no “rosto jovem de Cristo” a ternura e a ousadia necessárias para fazer acontecer o que se espera. Precisamos acolher a força de Cristo que nos vem por meio das juventudes, afinal, o Messias, que passou fazendo o bem a todos e dando novo sentido à humanidade, o fez como homem, como jovem de Nazaré, e chamou a outros jovens para levarem adiante sua missão, para darem os contornos da esperança em meio ao mundo.

<sup>56</sup> QUEIRUGA, A. T., op. cit., p. 18.

<sup>57</sup> Cf. COMBLIN, J., op. cit., p. 65-66.

Com amor olhou para o jovem rico (cf. Mt 19,16-22) ao convidá-lo a algo mais, com ternura acolheu João que em seu peito debruçou-se (cf. Jo 13,25) e não deixou na morte o jovem filho da viúva de Naim (cf. Lc 7,11-17) e tão pouco a jovem filha de Jairo (cf. Lc 8, 40-56). Ele deu vida às juventudes, as chamou e enviou, as fez portadoras da esperança, a Igreja e o mundo não podem dispensar essa ousada força capaz de seguir construindo o Reino na história.

Nessa peregrinação nossas juventudes, como toda a humanidade, contam com Cristo, nos primórdios representado pelas imagens do “verdadeiro filósofo” e do “verdadeiro pastor”. O “verdadeiro filósofo” que revela quem é a humanidade e o que ela precisa fazer para ser verdadeiramente humana, indicando o caminho que é a verdade, sendo ele mesmo simultaneamente um e outro. E é também o “verdadeiro pastor”, que conhece até mesmo o caminho do vale da morte por tê-lo percorrido (cf. SS, n. 6). Estamos diante daquele que, “mesmo na morte, nos acompanha e com o seu bastão e o seu cajado nos conforta, de modo que não devemos temer nenhum mal (cf. Sl 23[22],4): esta era a nova “esperança” que surgia na vida dos crentes” (SS, n. 6). Somos alimentados por uma fé que já nos dá algo da realidade esperada, o que constitui para nós uma “prova” das coisas que ainda não se veem. Assim podemos dizer que:

Ela atrai o futuro para dentro do presente, de modo que aquele já não é o puro “ainda não”. O fato de este futuro existir muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura, e assim as coisas futuras derramam-se naquelas presentes e as presentes, nas futuras (SS, n. 7).

Em Hb 10,34 vemos os cristãos despojarem-se das seguranças terrenas por saberem-se possuidores de uma riqueza melhor e imperecível. Suportaram as perseguições e as perdas dos bens, das substâncias que necessitavam para viver, porque tinham uma “base” melhor para a sua existência, uma “base” que ninguém lhes podia tirar. Estão diante de uma nova liberdade, que levou muitos a assumirem o martírio como consequência de uma nova vida, simbolizando as renúncias por aquele que realmente era sua esperança, o Cristo. Assim, “da esperança destas pessoas tocadas por Cristo brotou a esperança para outros que viviam na escuridão e sem esperança” (SS, n. 8). Ainda hoje muitos assumem a doação da própria vida para que Cristo seja a esperança da humanidade. Pessoas que chegam a esse ponto certamente estão imbuídas da esperança que move o cristianismo; uma esperança ousada, capaz de entregar a vida para ver realizar-se

o que espera, mesmo sabendo que na história verá apenas em parte a concretização de suas esperanças. Durante séculos jovens cristãos souberam empenhar sua existência para levar adiante a Boa Nova de Jesus Cristo. Tantos jovens se embrenharam pelos caminhos da caridade cristã tendo até mesmo suas vidas ceifadas por esse motivo, porém, ainda hoje seus testemunhos movem multidões. Podemos citar santa Catarina de Sena que faleceu aos 33 anos, são Luís Gonzaga que faleceu aos 23 anos, santo Antônio Maria Zacaria que faleceu aos 37 anos e santa Teresinha do Menino Jesus que faleceu aos 24 anos, mas também podemos falar de tantos outros desconhecidos que deram suas vidas pela liberdade de seu povo no Brasil, na América Latina e em todo mundo. Juventudes que não hesitaram em lutar por uma vida mais digna para sua gente, que sonharam com o fim da opressão, com o fim das injustiças, com a derrubada de um poder que destrói o pequeno. H. Dick, em suas obras “Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história” e “Silêncios juvenis Latino-Americanos: na travessia da história”, nos mostra a extensão da atuação juvenil nos movimentos nacionais e internacionais na luta por causas que cabem nos valores evangélicos e no esforço por fazer vigorar na história as características do Reino esperado.

A vida dos cristãos tem “substância” quando gera vida para outros, quando se torna “prova” de que as coisas futuras, a promessa de Cristo, não é uma realidade apenas esperada, mas verdadeira presença, pois ele é o “filósofo” e o “pastor” que nos indica o que é e onde está a vida (cf. SS, n. 8). Fundamentado na carta aos Hebreus, Bento XVI irá nos falar sobre a paciência, a perseverança e a constância em referência a esperança cristã. Diz-nos que:

Este saber esperar, suportando pacientemente as provas, é necessário para o crente poder “obter as coisas prometidas” (cf. Hb 10,36). [...] No Novo Testamento, esta espera de Deus, este estar da parte de Deus assume um novo significado: é que, em Cristo, Deus manifestou-se. Comunicou-nos já a “substância” das coisas futuras, e assim a espera de Deus adquire uma nova certeza. É espera das coisas futuras a partir de um dom já presente. É espera – na presença de Cristo, isto é, com Cristo presente – que se completa no seu Corpo, na perspectiva da sua vinda definitiva (SS, n. 9).

Segundo H. Lepargneur, a vinda de Jesus, sendo ele o Messias, num certo sentido, era objeto da esperança da aliança com Israel. Ele realizou esta etapa da promessa renovando a aliança, porém, sem acabar com a história e seu dinamismo

de esperança. Uma esperança renovada apoderar-se-á do povo de Deus, o Cristo voltará glorioso no fim da história, para a felicidade e a glória dos seus<sup>58</sup>. Estamos diante de uma esperança que se aproxima da escatologia, o que ultrapassa a teologia dos “novíssimos” e remete, desde as primeiras comunidades, a espera pela vinda do Senhor<sup>59</sup>. O objetivo principal da esperança, a beatitude celeste, vem da misericórdia de Deus, contudo o homem possui papel indispensável na peregrinação em direção ao eterno, pois a esse não cabe abandonar o mundo e sua história, deixando-se dominar por providencialismos ou pietismos que os furtem da realidade presente, mas combater o bom combate e guardar a fé na história, caminhando para um dia receber a coroa incorruptível (cf. 2Tim 4,7). Logo,

A “superação” da esperança de Israel em Jesus Cristo, em sua pessoa, em sua conduta e sobretudo em seu destino, significa para nossa visão cristã da salvação o fundamento decisivo para responder a pergunta pela verdade de nossa esperança atual<sup>60</sup>.

Nossa esperança se apoia em Cristo, tem seu objetivo na participação universal do homem, da sociedade e da natureza neste acontecimento que é Jesus Cristo, distinguindo-se a simples projeção de desejos e sonhos. No entanto, de acordo com J. Moltmann, é uma ameaça ao evangelho se não considerarmos nele a dimensão da promessa. No evangelho o futuro se tornou presente nas promessas de Cristo. Em Jesus, o Deus da promessa torna-se universal. “O Deus das promessas de Israel, pela ressurreição de Jesus dentre os mortos, torna-se o Deus de todos os seres humanos”<sup>61</sup>. Pela cruz e ressurreição ele se torna salvação para toda a humanidade, independente de qualquer pressuposto (cf. Gl 3,28).

No NT Deus é o “Deus promitente” (cf. Hb 10,23; 11,11), o Deus fiel, que dá as bases para a esperança e em Cristo temos o “fim da lei” (Rm 10,4), não o fim da promessa, mas sim o seu renascimento, sua libertação e validação, o que se dá pelo fato de<sup>62</sup>:

[...] o fundamento dessa certeza confiante é novo: já que Deus tem o poder de suscitar os mortos e de chamar à existência o que não é, eis a razão por que o

<sup>58</sup> Cf. LEPARGNEUR, H., op. cit., p. 17.

<sup>59</sup> Cf. Ibid., p. 20.

<sup>60</sup> KEHL, M. op. cit., p. 131.

<sup>61</sup> MOLTSMANN, J., op. cit., p. 184.

<sup>62</sup> Cf. Ibid., p. 186-188.

cumprimento de sua promessa é possível; pelo fato de ter ressuscitado Jesus dentre os mortos existe a certeza do cumprimento de sua promessa<sup>63</sup>.

Segundo J. Moltmann, se a promessa está ligada a lei, ela perde sua força, sai do poder do Deus que promete, e fica no poder do homem que obedece. Para o autor a lei não tem em si o poder da vida prometida e da ressurreição, tão pouco a força da justificação, antes torna a fé vã e a promessa sem força (cf. Rm 4,14). Assim entendemos que:

Se a herança provém da lei, já não vem mais da promessa (Gl 3,18). Caso se quisesse alcançar a herança da promessa pelo cumprimento da lei, perder-se-ia essa herança, pois Deus se mostrou gracioso com Abraão por meio da promessa (Gl 3,18). Herdeiros da promessa e filhos de Abraão são, na verdade, aqueles que, pela fé em Cristo, tornam-se participantes da promessa (Gl 3,29). É pelo evangelho que os povos participam da promessa em Cristo (Ef 3,6)<sup>64</sup>.

O que antes fora prometido para Israel vale agora para todos os crentes, a promessa não é mais exclusiva, mas inclusiva, torna-se universal, e tal universalização provém de sua libertação da lei e da eleição de Israel. Em Cristo a promessa, pela fidelidade de Deus, se torna verdadeira de forma total, imperecível para sempre e para todos<sup>65</sup>. No evangelho o AT encontra seu futuro uma vez que todas as promessas de Deus encontraram nele seu sim (cf. 2Cor 1,20). Em Cristo as promessas veterotestamentárias tornaram-se certeza escatológica por terem se tornado eficazes, livres, sem pressupostos e universais. Em Cristo todas as gerações, passadas, presentes e futuras, sabem-se herdeiras da vida eterna, e nessa esperança podem fundamentar suas esperanças cotidianas. Nessa esperança nossas juventudes podem fortalecer suas utopias mesmo que precisem enfrentar as frustrações do seu não cumprimento na história, pois estarão caminhando sempre em direção a algo maior, algo que é certo, pois Cristo ressuscitou e nos ressuscitará. É no evangelho que temos revelado o futuro prometido a Israel e a toda a humanidade, assim:

[...] o evangelho não deve ser entendido como a superação e muito menos como o fim das promessas de Israel. Em um sentido último, escatológico, das promessas, ele é idêntico a essas promessas. [...] o próprio evangelho se torna incompreensível se nele não são reconhecidas as estruturas da promessa. Ele perderia a sua força escatológica, orientada para frente, e se tornaria simples revelação gnóstica ou

<sup>63</sup> Ibid., p. 189.

<sup>64</sup> Ibid., p. 190.

<sup>65</sup> Ibid., loc. cit.

pregação moralista, se não ficasse claro que o evangelho, no mundo e no tempo, é promessa do futuro de Cristo. O evangelho é promessa e, como promessa, arras do futuro prometido<sup>66</sup>.

Pela escatologia da promessa se pode vencer a forma ilusória de ver o mundo e a humanidade, pois ela toma a sério toda a impiedade do mundo dando-lhe seu verdadeiro sentido. Essa escatologia torna possível a fé e a obediência por meio da esperança na vitória de Deus sobre as contradições do mundo. Nela a fé é alcançada pela exteriorização cheia de esperança no mundo. Ao entregar-se a dor do amor como Cristo, a fé anuncia o futuro da ressurreição, da vida e da justiça de Deus no mundo<sup>67</sup>. Segundo J. Moltmann,

Para Paulo, a plenitude de todas as coisas a partir de Deus, em Deus e para Deus, está colocada na consumação, ainda não realizada, das promessas garantidas em Cristo. O “presente eterno” é, portanto, a meta escatológica futura da história, e não sua essência interna. Por conseguinte, a criação não é o que é dado e, presente, mas o futuro disso tudo, a ressurreição do novo ser<sup>68</sup>.

Deus vem e está presente, como aquele que promete um novo mundo de vida plena. História e escatologia não se anulam, pois o “*lógos do éschaton* é a promessa daquilo que ainda não existe e, por isso, *faz* a história”<sup>69</sup>. Assim, quando algo novo é prometido, o antigo se torna passageiro e superável, e em nosso caso por contemplar o que é prometido já realizado em Jesus Cristo, possibilitando que a humanidade, herdeira da esperança cristã, empenhe-se para aproximar cada dia mais o presente do futuro, futuro esse que continua vindo ao encontro da humanidade. A *promissio*, para todas as gerações, é a motivação da história e não sua passividade, é o que mobiliza a humanidade em suas buscas cotidianas, é o que faz com que as juventudes ousem um mundo mais digno e menos cruel, é a força do Espírito que mobiliza a criação para o Criador!

A seguir olharemos para as características que definem a esperança cristã e para o legado que nos traz.

---

<sup>66</sup> Ibid., p. 191.

<sup>67</sup> Cf. Ibid., p. 210.

<sup>68</sup> Ibid., p. 211.

<sup>69</sup> Ibid., p. 212.

### 4.2.3. Uma esperança em ato

Iniciamos afirmando com J. Comblin que, “a esperança não é movimento irracional para o futuro. Não é salto cego para o desconhecido, nem fuga para uma ilusão de futuro”<sup>70</sup>. Com o autor entendemos que a esperança cristã exige que cada um faça a experiência da realidade da vida nesta terra<sup>71</sup>. Não pretendemos oferecer as nossas juventudes uma esperança alienada que as tire das lutas cotidianas lançando-as em um estado de alienação vinculado a passividade. Desejamos neste momento apresentar algumas definições da esperança que temos e compreender qual a esperança que nos chama (cf. Ef 1,18), a qual esperança Deus chama as juventudes de hoje.

J. Moltmann ajuda-nos a compreender que a esperança a qual nos referimos não vem tratar de coisas desconexas do mundo, ao contrário, por quanto foi interpretada dessa forma perdeu seu significado em meio à teologia cristã. O autor nos diz que “enquanto a fé cristã separava de sua vida diária a esperança do futuro, [...] a esperança aos poucos abandonou a igreja e reiteradamente se voltou contra ela nas formas mais deturpadas possíveis”<sup>72</sup>. Precisamos assumir a esperança à luz do cristianismo e da experiência das primeiras comunidades, conforme nos revelam os relatos bíblicos. Para J. Moltmann,

[...] aquilo que encontramos nos testamentos bíblicos como objeto de esperança é “o Outro”, algo que não podemos pensar nem imaginar a partir das experiências que já tivemos e da realidade dada. Algo que, no entanto, nos é apresentado como promessa de algo “novo”, o objeto de esperança que está no futuro de Deus. O Deus, de que aí se fala, não é o Deus intramundano ou extramundano, mas o “Deus da esperança” (Rm 15,13); o Deus que tem o “futuro como propriedade do ser” (E. Bloch), tal como se apresenta no êxodo e nos profetas de Israel; o Deus que não podemos ter em nós, nem está acima de nós, mas sempre diante de nós, que vêm ao nosso encontro em suas promessas do futuro, a quem, por isto mesmo, não podemos “possuir”, mas só ativamente aguardar em esperança<sup>73</sup>.

Não queremos apresentar a esperança cristã como ópio religioso ou social. Queremos dizer às nossas juventudes de uma esperança em ato, que faz aguardar ativamente, conscientes da gratuidade do Reino, porém não acomodados na espera. Falamos da esperança em um futuro conhecido, o futuro do Cristo

<sup>70</sup> COMBLIN, J., op. cit., p. 25.

<sup>71</sup> Cf. Ibid., p. 16.

<sup>72</sup> MOLTSMANN, J., op. cit., p. 30.

<sup>73</sup> Ibid., p. 30-31.

ressuscitado, pois “ele é a nossa esperança” (Cl 1,27). O seu futuro é anunciado como promessa para o mundo, e nossa fé nele se orienta para a esperança de seu futuro ainda ausente. Nas promessas temos o anúncio desse futuro ausente, o qual age no presente pela esperança que desperta. Nossa esperança quer levar o presente a transformar-se no que está prometido e é esperado, a moldar-se continuamente ao futuro que o espera, e não simplesmente iluminar a realidade que aí está. Com a esperança que apresentamos às nossas juventudes, queremos fortalecê-las no empenho da construção de uma civilização do amor, mesmo que as evidências do cotidiano digam o contrário, acreditamos e queremos que creiam, que por suas esperanças e ousadias, o mundo pode tornar-se sempre mais o mundo prometido por Deus, na certeza de que as juventudes trazem esse mundo em si e podem extravasá-lo no amor, na festa, na alegria, na solidariedade, na dignidade, na esperança de ver o dia da paz renascer até sua consumação no Reino de Deus.

Segundo J. Moltmann, a esperança cristã apresenta sua autenticidade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado. Nessa contradição a esperança deve mostrar sua força, contradizendo o presente de sofrimentos, por um futuro de justiça contra a injustiça, de vida contra a morte, de alegria contra o sofrimento, de unidade contra a divisão. Esta é a esperança da qual Paulo nos fala, que consiste, em primeiro lugar, no conteúdo das promessas. Mas é também modo de viver e ser, assim, “ser cristão é viver uma esperança, isto é, viver segundo o jeito da esperança”<sup>74</sup>. O nosso Deus é “o Deus da esperança” (Rm 15,13), que nos faz renascer para uma esperança que é vida (cf. 1Pd 1,3), e nos faz transbordar na esperança (cf. Rm 15,13). Segundo Paulo, mesmo os pagãos são chamados “a uma só esperança” (Ef 4,4). A esperança põe em marcha toda a humanidade, por isso não pode ser sinônimo de vida estagnada, mas sim de vida peregrina, que segue em busca do que espera, porque na verdade aquele que esperamos vem ao nosso encontro, o próprio Deus. Precisamos que essa esperança continue perpassando todas as gerações, pois é muito provável que não sejamos nós a vermos a plenitude do Reino, o peregrinar não pode ser interrompido, precisamos caminhar ao lado dos que nos substituirão nesse caminhar de esperança. Não queremos que reproduzam nossos passos, mas queremos que saibam de nossa história, de nossas lutas, de tudo o que os antecedeu, para que no encontro com o Cristo sejam possuidores de nosso testemunho e sigam adiante levando a herança

---

<sup>74</sup> COMBLIN, J., op. cit., p. 7.

cristã para as gerações vindouras. Sabendo que essa esperança não pode parar, não pode deixar parar a humanidade que peregrina rumo à pátria definitiva e quer aproximá-la sempre mais do presente em que se vive.

É necessário às nossas juventudes aceitar a realidade da vida, sem abster-se das lutas e frustrações, para que possam dar verdadeira autenticidade às suas esperanças<sup>75</sup>. Aquele que vive na esperança não nega sua história lançando-se em um mundo imaginário, mas a assume por mais difícil que seja. Sabemos que muitas vezes somos movidos pelo desejo do pequeno príncipe de A. Exupéry, de colocarmos nossas “rosas” em redomas que lhes protejam de todo o sofrimento<sup>76</sup>, de todas as contingências da própria natureza. Cada um de nós recebeu do Senhor a promessa da vida em abundância, mas não podemos ignorar nossa fragilidade, nossa natureza, nosso ser perecível, e tão pouco negar tudo isso abandonando a realidade em troca de ópios que passam por esperança. A esperança cristã faz nossas juventudes darem passos em busca do que esperam, tirando-as do comodismo e da alienação, mas não as tirando da história, do tempo presente, pois o Reino começa no “já” de suas vidas, em meio as suas belezas e fragilidades. Queremos dizer que a esperança na qual acreditamos supera profundamente todos os desejos de nossa humanidade, todos os sonhos que podemos ter de satisfação e alegria neste mundo. A própria esperança é algo que não é espontânea no ser humano, precisa ser cultivada, e à Igreja cabe a missão de ajudar as novas gerações a cultivar a esperança<sup>77</sup>.

Conforme J. Comblin a esperança é a espera do desconhecido, é passar das atuais aspirações para aquelas totalmente novas, por isso não pode ser conceituada como simples desejo uma vez que ultrapassa até mesmo aquilo que no presente somos capazes de desejar. As promessas de Cristo ultrapassam tudo o que podemos conhecer, assim como nos diz Paulo em sua carta aos Coríntios: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13,12). Assim podemos afirmar: “A esperança não é desejar: é obedecer ao caminho de Deus, situar-se na trajetória do plano de Deus, reconhecer as etapas marcadas pelas promessas e permanecer aberto e disponível para a etapa seguinte

---

<sup>75</sup> Cf. Ibid., p. 16.

<sup>76</sup> Cf. EXUPÉRY, A. S., *O pequeno príncipe*, p. 32.

<sup>77</sup> Cf. COMBLIN, J., op. cit., p. 22.

até o passo final”<sup>78</sup>. Trata-se de uma esperança que precisa ser desenvolvida por amor a vida da humanidade, por amor a vida das juventudes, a fim de contribuir na construção do Reino. Segundo C. Kuzma a Igreja “transmite concretamente na sociedade uma prática de justiça, vida, humanidade e sociabilidade, e em suas decisões históricas evoca o futuro prometido”<sup>79</sup>, e essa esperança que a sustenta a coloca em ação em prol da vida de todos, inclusive em prol da vida das juventudes, para que possam viver um presente digno, alimentando-os na esperança do qual também são sujeitos.

Esperança não é desejo, é escuta, é obediência àquele que é o portador de toda a nossa esperança. É colocar-se a caminho na direção daquele que é a plena realização das promessas de Deus, Jesus Cristo. A esperança em Cristo está realizada, por isso realiza-se desde já em nós, em nossas juventudes, em toda a humanidade, trata-se de uma esperança em realização. Ela nos dispõe ao Reino de Deus, nos faz peregrinos rumo a sua plenitude, e assim nos faz doar a vida para antecipar esse Reino na história, ainda que não em sua plenitude. O testemunho dos cristãos acerca de sua esperança pode suscitar nas juventudes maiores anseios por assumir para suas vidas essa esperança. Sabemos que essa esperança está a serviço da salvação, por indicar ao mundo o seu futuro, por indicar às novas gerações o futuro que Deus tem a lhes oferecer. Essa esperança suscita no cristianismo uma força de transformação que se identifica com muitas juventudes ao longo da história, e também nos tempos atuais. Ela não permite a conformação com o mundo nas misérias que produz, e quando a humanidade, incluindo aqui nossas juventudes, não se conforma com este mundo:

[...] procura transformá-lo através da resistência, baseado na imagem que crê, espera e ama (fé, esperança e amor). É o resultado do chamamento no qual todos os cristãos são chamados, que conforme o NT é único, irrevogável e imutável. É Deus que nos chama à santidade e nos convoca para uma missão neste mundo. Trata-se, especificamente, da missão da esperança cristã<sup>80</sup>.

Estamos falando de uma esperança que não deixa sossegar o coração, mas o põe sempre mais inquieto frente às necessidades do tempo presente, e o faz ansiar pela plenitude que está na razão de nossa esperança, o Cristo Senhor. Segundo J.

---

<sup>78</sup> Ibid., p. 41.

<sup>79</sup> KUZMA, C., op. cit., p. 132.

<sup>80</sup> Ibid., loc. cit.

Moltmann fazemos referência a um “seguimento criativo e a um amor criativo”<sup>81</sup>, que busca alternativas para aliviar os sofrimentos da humanidade, sem porém abandonar a história, que faz a humanidade apostar a própria vida na vida ameaçada para vê-la vitoriosa. Este seguimento criativo que é fruto de um amor criativo está presente em nossas juventudes, que tantas vezes são incompreendidas em suas ações e intenções dentro da própria Igreja<sup>82</sup>. Talvez a postura cristã mediante as novas gerações deva ser mais acolhedora do novo que chega, ao invés de condenatória e inflexível. Deus traz o novo para renovar a face da terra, Ele quer fazer novas todas às coisas (cf. Ap 21,5), e juventudes repletas da esperança cristã, são a novidade de Deus em ato em sua Igreja e em toda a sociedade.

Para J. Comblin, constância e paciência são qualidades que definem nossa esperança, e podem definir as esperanças de nossas juventudes. O que a constrói é a necessidade de permanecer, é a luta contra o desgaste do tempo, é a perseverança na mesma orientação<sup>83</sup>. Não é constituída pela acomodação dos que negam o presente em vistas do futuro, “a esperança cristã há de ser vivida na continuidade da vida presente [...] a esperança acompanha o desenrolar da vida cotidiana”<sup>84</sup>. Nossa esperança fará nossas juventudes aguardarem ativamente, contando com seu próprio empenho, porém na consciência da própria insuficiência, no paradoxo de sua força e de sua impotência, mas não aprisionados e paralisados pelo medo ou outra dominação qualquer, mas atuantes pela força do Espírito que age no mundo.

Esperar é na história buscar a felicidade pessoal e coletiva, sabendo que sua plenitude está em Cristo, onde se cumprem todas as promessas de Deus. Esperar é aproveitar a paisagem da viagem, com suas belezas e suas devastações, caminhando e parando, sorrindo e chorando, vivendo tudo o que essa viagem proporciona, porém sabendo que o caminho não é o fim, mas o meio indispensável, sem o qual não pode haver chegada. Assim,

A esperança é uma nova experiência do tempo. Ela confere a todos os momentos, todas as etapas um valor de plenitude. Se não fosse assim os tempos da esperança

<sup>81</sup> Cf. MOLTSMANN, J., op. cit., p. 416.

<sup>82</sup> Podemos recorrer ao artigo de CARMO, S. M. e JÚNIOR, J. F., *Catequese com jovens: desafios e esperanças*, In: Vida Pastoral, ano 55, n. 299, p. 23-32, acerca das dificuldades que nossas juventudes encontram dentro da própria Igreja. No artigo os desafios recaem sobre: a moral sexual, a liturgia, a linguagem da fé e as comunidades eclesiais.

<sup>83</sup> Cf. COMBLIN, J., op. cit., p. 43.

<sup>84</sup> Ibid., p. 44.

seriam tempos perdidos. [...] Esperar não é perder tempo. Há uma qualidade do esperar que dá sentido à vida humana<sup>85</sup>.

A esperança traz o todo para aquilo que é parte, traz a plenitude para o que é parcial, nos fortalecendo no peregrinar para a definitividade da vida. Ela acompanha o amadurecimento de nossa conversão. A esperança aceita o nosso tempo, é perseverante, sabe esperar, ela sabe que “o Reino de Deus amadurece e cresce devagar dentro do tecido da convivência humana e do crescimento da humanidade”<sup>86</sup>. Nossa espera não é passiva, nossa vida não é um mero intervalo entre dois vazios, ou entre duas intervenções divinas. Nossa espera é perseverança nos dons recebidos, e estes nunca serão propriedade estável, pois necessitam de constante reavivamento, na luta incessante contra as forças de dissolução<sup>87</sup>. Assim,

A esperança cristã é sempre ‘esperança contra toda esperança’, conforme a expressão que Paulo aplica a Abraão. Quer dizer que a esperança cristã ultrapassa suas próprias razões. Vai tateando sem saber o caminho pelo qual Deus conduz a pessoa. [...] A esperança caminha entre pessoas indiferentes. O que os outros não enxergam, o que os deixa indiferentes, como pode ter tanto valor para mim? Finalmente, o fundamento da esperança é a fé, a ciência das coisas invisíveis<sup>88</sup>.

Para nós cristãos é possível manter a esperança quando fixamos o olhar em Jesus Cristo, e é isso que precisamos afirmar para nossas juventudes por meio de nosso modo de viver. Sabemos que testemunhar a esperança cristã é algo que ultrapassa qualquer discurso, ela exige um testemunho em ato, ela exige um modo de viver que fale dos valores do Reino, pois diante das novas gerações não basta falar de esperança, é preciso viver a esperança, não basta falar de fé, é preciso viver conforme a fé professada, e tão pouco basta discursar sobre a caridade, é necessário viver a caridade acima de qualquer outra lei. De acordo com M. Kehl,

[...] quando seguimos a Jesus e assumimos todo o seu destino, esperamos o futuro, ainda ausente, do Reino de Deus anunciado por ele como uma realidade atual e que atua permanentemente em nós por meio do seu Espírito. Nesse futuro consiste a transformação de toda a história humana com seu entorno natural e cultural; a harmonização definitiva da realidade humana, social e natural no Reino de Deus consumado é o objetivo de nossa esperança<sup>89</sup>.

<sup>85</sup> Ibid., p. 44-45.

<sup>86</sup> Ibid., p. 47.

<sup>87</sup> Cf. Ibid., p. 47.

<sup>88</sup> Ibid., p. 50.

<sup>89</sup> KEHL, M., op. cit., p. 215. Tradução nossa.

Em Jesus Cristo, nossas juventudes veem suas esperanças se cumprindo e abrindo-se sempre às novas promessas, até a plenitude dos tempos, onde Deus será tudo em todos<sup>90</sup>. Segundo J. Moingt podemos alicerçar essa esperança no Deus que trabalha no mundo, o autor nos diz que “[...] enquanto a criação está em perigo de morte, o Pai trabalha no mundo, o Filho também (Jo 5,17), e então igualmente os eleitos já admitidos em seu reino”<sup>91</sup>. Nossas juventudes não peregrinam sozinhas na espera da plenitude, caminham com aquele que ama sua criação, que aposta na beleza da criatura, que faz renascer a esperança a cada gesto de amor vivenciado pela humanidade. Lembramos com Frei Beto que: “Para Jesus, a esperança se colocava lá na frente, no Reino de Deus, que marca o fim e a plenitude da história, e não lá em cima, enquanto postura verticalista de quem ignora a existência deste mundo ou o rejeita [...]”<sup>92</sup>. O mundo criado, com todas as criaturas, caminha para sua plenitude na medida em que se abre ao amor, em que se abre ao bem, em que se abre a ação de Deus. Essa esperança não tira do mundo nossas juventudes, não as faz esperar o fim da criação de forma catastrófica, mas as põe em marcha a construir o Reino que vem, e que fará novas todas as coisas, não a partir do nada, mas de toda a beleza original proveniente do ato criacional de Deus.

Seguimos buscando compreender a definição de nossa esperança lançando mão da definição que C. Kuzma nos oferece. Vejamos:

[...] a definição mais simples que podemos encontrar para esperança é o ato de esperar o que se deseja. Trata-se de um conceito dinâmico, algo de caráter propulsor, aberto à novidade, sensível ao novo que está por vir. Está relacionada com expectativa e, também, com fé. A fé é esperança. [...] Ao relacionar-se com a fé, como garantia de antecipação futura, a esperança aparece numa posição ativa, que se coloca em espera, em prontidão, em ato<sup>93</sup>.

Tendo Jesus como referencial, nossas juventudes não podem fundamentar sua vida em uma esperança acomodada e indiferente. A esperança cristã faz esperar contra toda a esperança, faz dar passos rumo ao futuro que Deus fez revelar-se em Jesus, enfim, é uma esperança ativa, que fortalece o cristão a seguir

<sup>90</sup> Acerca dessa temática indicamos o livro de MOINGT, J., *Deus que vem ao homem: da aparição ao nascimento de Deus*, vol. II, Nascimento, em especial o capítulo sexto da obra: “O tempo do fim. Então Deus será tudo em todos”.

<sup>91</sup> MOINGT, J., *Deus que vem ao homem: da aparição ao nascimento de Deus* (vol. 2), p. 523.

<sup>92</sup> BETTO, F., *Fome de fé e espiritualidade no mundo atual*, p. 79.

<sup>93</sup> KUZMA, C., op. cit., p. 55-56.

os passos do Mestre no empenho de transformar o mundo em uma nova criação onde o Reino gradativamente vai tomando seu espaço a fim de chegar à sua totalidade.

Desta forma, o objeto da esperança cristã é o próprio Jesus, logo o cristão tem em sua identidade os alicerces de sua esperança, e fugir dessa realidade é contradizer-se, é colocar-se distante de sua fé, e até mesmo do futuro revelado por Deus em Cristo. Certamente essa esperança necessita ser anunciada em palavras e atos, e aí, ao mesmo tempo em que se espera a realização plena do reinado de Deus, se está trazendo-o para o centro da história, o que fortalece ainda mais nossa esperança. A esperança está em ato, sempre em uma imanência que abre a transcendência, e vice versa. A esperança é algo que pode transformar as juventudes, que as coloca a serviço da comunidade, pois se espera na e para a comunidade. L. Boff dirá que:

A esperança traduz a abertura do homem para o amanhã, donde espera um sentido mais plenificador do que aquele que vive no hoje. A esperança não é um futuro-futuro. É um já presente, experimentado e gozado, mas ainda não recebido e realizado em plenitude; por isso é também futuro. Em consequência disso, na esperança vigora sempre uma tensão entre o ser (presente) e o poder-ser (futuro) almejado. O presente é vivido como antecipação e preparação do futuro e por isso sempre em aberto<sup>94</sup>.

Aos cristãos fica o desafio de saber em quem esperam e como esperam. Esperar em Cristo significa assumir sua vida, viver como Ele viveu e tornar esse mundo sempre mais próximo do que será a sua plenitude em Deus. Significa colocar-se a caminho, ir em direção ao Cristo que chegou e que atrai para si a humanidade, que atrai para si todas as juventudes e não apenas uma ou outra escolhida por seus bons comportamentos. Caminhar em direção a “Jerusalém Celeste” é buscar a plenitude daquilo que no irromper do Reino, em partes, se experimenta na história. A esperança é força para essa caminhada, pois mesmo tendo a certeza de estarem destinadas para Deus, as juventudes não podem perder a posição de quem trabalha pela inauguração desse definitivo. De acordo com a exortação sinodal *Verbum Domini*,

[...] o que a Igreja anuncia ao mundo é o *Logos* da esperança (cf. 1Pd 3,15); o homem precisa da “grande Esperança” para poder viver o seu próprio presente – a grande esperança que é “aquele Deus que possui um rosto humano e que nos

<sup>94</sup> BOFF, L., *Vida para além da morte*, p. 198.

“amou até o fim” (Jo 13,1).” Por isso, na sua essência, a Igreja é missionária. Não podemos guardar para nós as palavras de vida eterna, que recebemos no encontro com Jesus Cristo: são para todos, para cada homem. Cada pessoa do nosso tempo – quer o saiba quer não – tem a necessidade deste anúncio (VD, n. 91).

A esperança cristã suscita nas juventudes o compromisso com a vivência e o anúncio da Boa Nova de Jesus de Nazaré. Assim, “quem espera em Cristo não pode mais se contentar com a realidade dada, mas começa a sofrer devido a ela, começa a contradizê-la [...], pois o aguilhão do futuro prometido arde implacavelmente na carne de todo presente não realizado”<sup>95</sup>. O mundo necessita presenciar o resgate do testemunho dos discípulos do Senhor, que possibilitem a humanidade fazer a experiência do Deus verdadeiro e nele ter alimentada sua esperança, sua luta, sua peregrinação. Nossas juventudes são chamadas ao discipulado, são vocacionadas a trabalhar pela amorização do mundo, pela construção da civilização do amor, e a esperança cristã é uma força capaz de sustentar a missão de nossos jovens em meio à humanidade, reforçando na Igreja a esperança depositada em cada um deles.

A esperança abre às juventudes o novo definitivo, a restauração plena do ser em Deus. É algo que supera todo e qualquer movimento feito pelo ser humano nesse mundo, mas que também não despreza essa realidade vivida e assumida por cada um. Ela destrói os germes da resignação, ao mesmo tempo em que supera e assume todo o movimento humano no sentido da busca de um mundo mais justo e fraterno para todos, elevando-os a uma realidade ainda maior, a uma realidade última, que não permite parar na idealização de uma cidade terrena perfeita, por saber que essa jamais se dará em relação com a novidade última prometida por Deus. A esperança faz saber que todo o movimento humano é prévio e provisório, e que deve ter os olhos fixos naquele que é a realidade última de toda a criação. Ela antecipa à humanidade a permanente criação do amor, busca dentro do possível sempre o melhor para esse mundo, com vistas ao definitivo.

Enfim, pode-se dizer que:

A esperança cristã está fundada no anúncio do Reino de Deus por Jesus. O Reino de Deus já está presente, e a própria vida de Jesus mostra essa presença. Os discípulos foram encarregados de anunciar da mesma maneira o Reino de Deus. Não se trata de discursos, e sim de suas vidas. Com esses discípulos, um novo mundo aparece, uma nova humanidade. A esperança já tem uma existência neste

<sup>95</sup> MOLTIMANN, J., op. cit., p. 36-37.

mundo. [...] A prova da autenticidade da esperança exige que a pessoa faça realmente a experiência da realidade da vida. Viva plenamente a vida presente nesta terra<sup>96</sup>.

O Deus revelado em Jesus Cristo é o Deus da esperança, pelo poder do Espírito Ele faz a humanidade, e aqui, com especial enfoque, as juventudes, “transbordar na esperança” (Rm 15,13) e continuar a caminho rumo à plenitude de seu reinado. Com Paulo podemos dizer que: “[...] a esperança não ilude. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5). Sabemos quais são as razões de nossa esperança, em quem ela está fundamentada. A pedra rejeitada tornou-se a pedra angular (cf. At 4,11), tornou-se o fundamento de nossa fé, o alicerce de nossa esperança. Não depositamos nossa esperança em uma ideologia, mas em uma pessoa, em um evento, Jesus Cristo, no qual está presente o Reino de Deus<sup>97</sup>, e essa herança queremos entregar às juventudes de todos os tempos, bem como colhê-la em suas vidas.

Para J. Comblin, “todas as promessas convergem para Jesus Cristo, razão de toda a esperança”<sup>98</sup>. Segundo o autor todos os personagens do AT, mesmo que inconsciente, esperavam a vinda de Jesus Cristo. Toda a libertação que experimentaram no passado era o prelúdio do advento de Cristo. Até mesmo os pagãos procuram o advento de Jesus quando se deixam mover pela caridade, pela esperança de um mundo melhor e mais justo para toda a humanidade, o que nos permite crer que a esperança cristã cabe na vida de todas as juventudes, independente até mesmo do credo que confessam ou de estarem desvinculadas de qualquer religião. Tateando, a humanidade procura a manifestação do Deus que desconhece (cf. At 17,23-31). Nós cristãos entendemos que essa manifestação é Jesus Cristo. Nesta busca vemos que as promessas estão presentes em todos os povos, e seu cumprimento se dá em Jesus Cristo, ultrapassando os ditames da religião. Assim podemos dizer que “o anúncio cristão situa-se nesse contexto de esperança. A mensagem dos apóstolos consiste em proclamar que Deus cumpriu suas promessas: a esperança encontra seu objeto [...]”<sup>99</sup>, pois “foi da estirpe de Davi que Deus, cumprindo sua promessa, deu a Israel Jesus como Salvador” (At 13,23).

<sup>96</sup> COMBLIN. J., op. cit., p. 17.

<sup>97</sup> Cf. Ibid., loc. cit.

<sup>98</sup> Ibid., p. 29.

<sup>99</sup> Ibid., p. 30.

Encerramos essa sessão fazendo menção à reflexão de J. Moltmann acerca do verdadeiro “Deus da esperança”, e do futuro enquanto sua propriedade. Não queremos deixar em aberto a questão referente à esperança enquanto contradição à felicidade presente do ser humano. Para muitos a esperança cristã pode significar a anulação do presente e da felicidade da humanidade, numa perspectiva de divinização do presente e de eternização do mesmo. No entanto, a esperança cristã nos fala de Deus de maneira diferente, não preso ao presente, mas nos diz que:

O Deus do êxodo e da ressurreição não “é” eterna presença, mas promete a sua presença e proximidade àquele que obedece à sua missão rumo ao futuro. YHVH, o nome de Deus que antes de tudo promete a sua presença e o seu reino situado na perspectiva do futuro, é um “Deus que tem o futuro como propriedade do ser”, o Deus da promessa e da irrupção para fora do presente em direção ao futuro, o Deus de cuja liberdade jorra o futuro e o novo. O seu nome não é uma cifra para o “presente eterno”, nem pode ser traduzido por *El*, “tu és”. O seu nome é um nome de viagem, um nome de promessa, que abre um futuro novo, cuja verdade é experimentada no decurso da história, na medida em que a sua promessa rompe o horizonte em direção ao futuro. Por isso, ele é, como Paulo diz, o Deus que ressuscita mortos e chama o não-ser ao ser (cf. Rm 4,17). Este Deus está presente quando se aguardam as suas promessas em esperança e se esperam coisas novas. No Deus que chama o não-ser ao ser, também o ainda-não-ser, o futuro, se torna “plausível”, porque pode ser esperado<sup>100</sup>.

A presença da vinda de Deus e de Cristo nas promessas evangélicas não arranca do tempo as nossas juventudes e tão pouco as faz parar, mas rompe o tempo e move a história, que é a aceitação e inserção do não-existente na lembrança e na esperança. A esperança espera pelo inesperado diante do sofrimento, no entanto, ela precisa penetrar e modificar o pensamento e a ação do ser humano, de cada jovem, do contrário será inútil e ineficaz<sup>101</sup>. Vivemos aguardando a realização de nossa esperança (cf. Tt 2,12-13), mas enfatizamos que isso não permite as juventudes apatia diante das realidades do mundo, ao contrário, o que espera em Cristo, tem a missão de antecipar aquilo que um dia será pleno. Segundo J. Moltmann, a libertação dos oprimidos é a tarefa dos que têm esperança<sup>102</sup>.

Na sequência estabeleceremos o diálogo das esperanças juvenis com a esperança cristã, com o objetivo de apresentar a esperança cristã como caminho de plenitude para as novas gerações.

<sup>100</sup> MOLTIMANN, J., op. cit., p. 47.

<sup>101</sup> Cf. Ibid., p. 49-50.

<sup>102</sup> Cf. Ibid., p. 28.

### **4.3. Caminhos de plenitude**

Após esse percurso, onde pudemos refletir acerca das esperanças que carregam as juventudes, do reconhecimento dos jovens como lugar teológico da esperança e da apresentação da esperança cristã como herança às juventudes contemporâneas, queremos falar da integração que pode acontecer entre as esperanças cotidianas e a esperança cristã. Veremos que nossas esperanças cotidianas, assim como as das juventudes, são frágeis, sujeitas ao desespero, que não podemos colocar nelas a plenitude do futuro, que precisamos de algo que lhes dê um sentido mais amplo. cremos que a esperança cristã pode dar plenitude às esperanças cotidianas, que uma não descarta a outra, que a esperança cristã pode fortalecer as esperanças cotidianas de nossas juventudes direcionando-as a construção do Reino, a aproximação do futuro de Deus na humanidade.

Nosso enfoque está nas juventudes, queremos dizer-lhes com esse trabalho que a esperança cristã é uma herança que o cristianismo, e aqui em especial, a Igreja Católica tem a lhes oferecer, sem querer suprimir suas esperanças pessoais e coletivas, sem prescindir suas realidades e suas histórias pessoais. No encontro dessas esperanças vemos a possibilidade da libertação, vemos a possibilidade da antecipação do futuro, vemos a possibilidade do Reino acontecer e fortalecer o vínculo das juventudes com o cristianismo ao longo da história. Fecharemos nossa reflexão apontando alguns sinais da esperança cristã em meio as esperanças de nossas juventudes.

#### **4.3.1. O anúncio da esperança em meio ao risco da desesperança**

Iniciamos este capítulo direcionando nosso olhar para as juventudes e suas esperanças com relação ao futuro. No entanto, sabemos que a desesperança ronda a humanidade, e nossos jovens facilmente podem ser vítimas de tal realidade. Segundo J. A. Pagola a sociedade encontra-se em uma profunda crise de esperança<sup>103</sup>. Não temos o objetivo de um aprofundamento antropológico, mas queremos acenar para a realidade de muitos homens e mulheres, sejam esses cristãos ou não, que são vítimas do desespero em nossa sociedade. Segundo o

---

<sup>103</sup> Cf. PAGOLA, J. A., *Es Bueno creer en Jesús*, p. 90.

autor, “[...] se desaparece a esperança, a vida da pessoa se apaga. Viver sem esperança não é viver”<sup>104</sup>. A falta da esperança enfraquece a pessoa, principalmente diante dos sofrimentos e dificuldades. O perfil do homem contemporâneo é marcado pela perda de esperança, o que nos fala do enfraquecimento de sua vitalidade, de seus projetos, do futuro como um todo.

L. González diz que “o século XX tem-se revelado um imenso cemitério de esperanças”<sup>105</sup>. Diante de muitos acontecimentos em nosso século, como guerras, crises econômicas, devastação ecológica, atroz desigualdades, e tantas outras situações, vemos sucumbir as utopias de muitos irmãos e irmãs. Para G. Vattimo nem mesmo a filosofia deve ensinar-nos para onde nos dirigir, mas apenas ensinar a viver na condição de quem não se dirige a nenhuma parte<sup>106</sup>. Estamos diante de um sistema que, para resguardar-se em seus interesses, produz um mundo de consumidores vorazes e os sacia com novidades fúteis, tirando-lhes a atenção diante das profundas necessidades de mudanças mundiais. Nossos jovens são frequentemente bombardeados por este sistema, segundo o DAp os mais vulneráveis a tudo isso, por isso necessitam ser vistos com muita atenção pela comunidade eclesial.

Para J. A. Pagola esta crise generalizada de esperança é vivenciada de maneira diferente nos diversos pontos do planeta, produzindo traços que caracterizam o homem contemporâneo. Frequentemente caracterizamos os jovens como consumistas, hedonistas, narcisistas, descompromissados e com uma série de outras características que os põem aquém das expectativas sociais. J. A. Pagola nos ajuda a pensar esses aspectos não apenas como pertencentes aos jovens, mas a todos os que são vítimas da falta de esperança que cerca nossa sociedade. Segundo o autor:

Quando falta a esperança, a vida se esvazia do verdadeiro conteúdo humano. [...] Quando há pouco que esperar, o mais razoável é desfrutar do presente. [...] Quando não se tem esperança num futuro melhor para todos, cada um busca resolver seu problema<sup>107</sup>.

<sup>104</sup> PAGOLA, J. A., op. cit., p. 89. Tradução nossa.

<sup>105</sup> GONZÁLEZ-CARVAJAL, L., *Ideas y creencias del hombre pos moderno*, In: PAGOLA, J. A., op. cit., p. 91. Tradução nossa.

<sup>106</sup> Cf. VATTIMO, G., *Más Allá del sujeto*, In: PAGOLA, J. A., op. cit., p. 91.

<sup>107</sup> PAGOLA, J. A., op. cit., p. 96-98. Tradução nossa.

É possível enxergarmos o rosto da desesperança em tantas situações que afligem nossos jovens. Em muitos momentos podemos dispensar as estatísticas oficiais, bastando-nos olhar ao nosso redor e percebermos quantos sofrem diariamente com a violência, as drogas, o desemprego, a fome, o analfabetismo (inclusive funcional), a exploração trabalhista e sexual, a imobilidade diante das realidades mundiais, e tantos outros traços que podem ser traduzidos como o grito da humanidade que vê esvaír-se sua esperança e que “veste” couraças de sobrevivência que na maioria das vezes afasta o humano de sua humanidade. Reconhecer nos jovens características como o hedonismo, o egoísmo, o consumismo, a alienação e tantas outras, não pode ser o passo derradeiro de nossa Igreja. Urge a necessidade de uma leitura mais profunda da situação<sup>108</sup> que nos ajude a ajudá-los a reacender a esperança em suas trajetórias.

Com M. A. Vilhena entendemos que:

Nestes tempos conturbados, esperança é uma joia preciosa que está agora um tanto encoberta por restos de projetos fracassados, um tanto empoeirada pelo desânimo que imobiliza. Ela precisa, mais do que nunca, ser desvelada e polida cuidadosamente para que volte a brilhar com esplendor. Essa joia é poderosa, quase mágica. Ela é capaz de nos tirar da inércia e nos incentivar ao movimento, à ação<sup>109</sup>.

A autora acima afirma que a esperança é um dom de Deus dado a toda a humanidade, uma joia cuja autenticidade vem do próprio doador e que, segundo J. Moltmann, identifica as oportunidades na crise<sup>110</sup>. Aqui não falamos de “qualquer esperança”, mas a esperança que vem do Cristo, que se abre sempre em novas promessas de vida. Para o cristianismo, crer em Jesus Cristo é encontrar-se com a esperança última que anima a existência humana. Logo se um cristão perdeu a esperança, perdeu tudo, até mesmo sua fé vacilará, pois “só a esperança mobiliza a fé e anima de dentro a vida cristã”<sup>111</sup>. Falamos de uma esperança encarnada, que

<sup>108</sup> Para aperfeiçoarmos nosso conhecimento acerca dos conceitos sobre as tendências juvenis e ampliar os horizontes de nossos discursos e ações indicamos a obra de João Batista Libânio, “*Para onde vai a juventude?*”, São Paulo, Paulos, 2011. O autor apresenta sua obra da seguinte maneira: “A idade juvenil fascina pelo tremendo paradoxo da vulnerabilidade e da potencialidade. Na fragilidade da idade que deixa para trás a serenidade e a segurança da infância, mas ainda não atingiu a solidez da idade adulta, existe estupenda potencialidade. Precisamente porque ainda não aterrissou na maturidade, dispõe do infinito do céu para voar. Este texto se apresenta como estudo exploratório, geral e de primeira aproximação. Nele formularemos tendências presentes no mundo jovem. Estas refletem o momento cultural atual e como ele repercute no universo juvenil”.

<sup>109</sup> BLANK, R. J.; VILHENA, M. A., *Esperança além da esperança*, p. 9.

<sup>110</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, p. 17.

<sup>111</sup> PAGOLA, J. A., op. cit., p. 90. Tradução nossa.

não nega a cultura, que acolhe os novos tempos, que é capaz de falar uma linguagem compreensível e significativa aos mais jovens sem perder a sua essência. De acordo com M. Kehl,

Essa esperança não se fecha a novas experiências históricas, mas quer integrá-las em seu amplo horizonte sem manipulá-las a caprichos. Só uma esperança rígida, incapaz de diálogo e de história, que se agarra a suas próprias ideias de futuro, se imuniza contra novas experiências. Em contrapartida, uma esperança que pretende permanecer fiel na história sempre em mudança, se abre precisamente a esta mudança da história e busca aí (e não em cima) a presença do amor libertador de Deus<sup>112</sup>.

A Igreja é chamada a ser comunidade de esperança e talvez, sua primeira tarefa seja despertar a esperança no mundo, sendo testemunha do ressuscitado a todas as gentes, a todas as juventudes, afirmando com Jeremias: “Há esperança para o teu futuro” (Jr 31,17), e esta esperança é o Cristo, nele podemos vencer os sinais de morte, a opressão, as injustiças, os preconceitos, as violências, e tantos outros males que assombam a humanidade. A esperança cristã põe a Igreja a caminho do Reino em busca da plenitude do cosmos e de toda a humanidade, ela pode fortalecer nossos jovens na missão de se tornarem sempre mais imagem e semelhança do Criador, construindo fraternidade entre todos os povos, tendo curadas suas feridas e assumindo a postura de cuidadores da vida em todas as suas instâncias. Com J. Y. Lacoste afirmamos:

E se o mundo não oferecer (mais) nenhuma prenoção de uma esperança possível, se as palavras mais sábias são ali palavras de resignação [...], se nenhum teísmo não tem mais verdadeiramente os meios de propor uma esperança que lhe corresponda, é a montante, no “passado absoluto” do “acontecimento Jesus Cristo” que se pode reconstituir uma lógica da esperança. Ao homem que vive num tempo que o leva à morte, as palavras de promessa pronunciadas e prolepticamente cumpridas na história de Jesus dizem que se trata ali de um tempo pré-pascal, de um ser *em direção* da morte, que não é um ser *para* a morte. Os que fazem memória do ressuscitado permanecem mortais. Mas em seu ato de memória, aprendem que seu destino está ligado ao dele. Sua fé, de certo modo, os *obriga* à esperança<sup>113</sup>.

Em meio a uma sociedade necessitada de esperança os cristãos necessitam dar as razões de sua esperança (cf. 1Pd 3,15). As novas gerações carecem de uma Igreja que seja capaz de testemunhar sua fé, sua esperança e sua caridade. Os jovens não podem construir sua casa sobre a areia, necessitam construir sua

<sup>112</sup> KEHL, M., op. cit., p. 107.

<sup>113</sup> LACOSTE, J.Y., op. cit., p. 648.

morada sobre a rocha firme (cf. Mt 7, 24-29) que é Jesus Cristo, a real esperança cristã. Falamos de uma esperança que não é simples utopia e tão pouco uma reação desesperada frente às crises do momento, ela está enraizada em Jesus Cristo, crucificado pelos homens e ressuscitado por Deus. O Deus que vem ao homem permite que este, pela fé, responda ao próprio Deus e viva na esperança, transformando a si e ao mundo ao seu redor.

Não podemos nos esquecer que a esperança também é ameaçada pelo vazio que muitas vezes nos habita. J. Comblin nos lembra que:

Esse inimigo está em nós mesmos. O maior adversário da esperança é aquilo que os antigos chamavam de *akedia* (acídia, acedia), palavra que não tem tradução adequada. Trata-se de uma impressão de esvaziamento, de insipidez ou de aridez que todo cristão experimenta pelo menos em algumas oportunidades<sup>114</sup>.

Temos a impressão de estarmos secos, ociosos, sem motivação, sem gosto pela busca de Deus, onde as palavras não suscitam sentido e os gestos da fé se tornam mecânicos, e nosso desejo de fuga faz-se forte. Para J. Comblin, a *akedia* é o contrário da esperança, o vazio que assombra nossos tempos, que traz a tentação de voltar atrás, de se esconder em meio à massa, de fugir as responsabilidades, e até mesmo o desejo de morrer, de desaparecer por medo do fracasso total. Também os personagens bíblicos experimentaram o vazio<sup>115</sup>, e não raras vezes os próprios apóstolos experimentaram suas fraquezas, o espinho a lhes ferir a carne. Com isso queremos dizer que as trevas que nos assombram, que o mal que deflagra contra a vida toda a sua força não é o suficiente para fazer desaparecer nossa esperança, a esperança de nossas juventudes. Na segunda carta aos Coríntios encontramos uma possibilidade para superar nossas fraquezas e as fraquezas de nossas juventudes: deixar que Deus seja nossa força, que habite em nós a força de Cristo, para que ao sentirmo-nos fracos, então sermos fortes pela força do Senhor (cf. 2Cor 12,7-10). É na consciência dessa fraqueza que podemos viver a verdadeira esperança. Não podemos nos esquecer que:

<sup>114</sup> COMBLIN, J., op. cit., p. 57.

<sup>115</sup> Ver a história de Elias, da qual enfatizamos sua fala: “Chegando a Bersabeia, em Judá, deixou ali o seu servo e andou pelo deserto um dia de caminho. Sentou-se debaixo de um junípero e desejou a morte: - Basta, Senhor, disse ele; tirai-me a vida, porque não sou melhor do que meus pais! Deitou-se por terra e adormeceu à sombra do junípero. Então veio o anjo que lhe deu comida e Elias prosseguiu o caminho” (1Rs 18, 3-4).

Levamos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário vem de Deus e não de nós. Em tudo somos oprimidos, mas não sucumbimos. Vivemos em completa penúria, mas não desesperamos. Somos perseguidos, mas não ficamos desamparados. Somos abatidos, mas não somos destruídos. É por isso que não desfalecemos. Ainda que em nós se destrua o homem exterior, o interior renova-se dia após dia (2Cor 4,7-8.16).

O próprio Cristo enfrentou situações de desespero. Basta-nos lembrar da cena no Getsêmani, onde disse aos discípulos: “A minha alma está triste até a morte [...]” (Mt 26,38); ou sua prece antes da prisão: “Meu pai, se possível, afaste-se de mim esse cálice” (Mt 26,39); e na hora da morte: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). “Exteriormente a sensação de abandono é completa. Entretanto, no íntimo do ser, mais profundo do que a consciência, a esperança vigiava”<sup>116</sup>. Ele é nossa esperança, e com ele podemos iluminar as trevas de nosso desespero e vazio. É ele que precisamos anunciar às nossas juventudes, de modo que não deixem de se libertar dos pesados fardos impostos pelos sistemas de opressão e conheçam a esperança que sustentou a fé de tantas gerações que as precederam.

Ainda queremos falar da descrença, como fruto da desesperança. J. Moltmann é claro ao apresentar a apostasia da esperança como uma grave tentação para o cristão, como um pecado que ameaça o caminhar. Dirá que “a tentação não consiste tanto em querer ser, à maneira dos titãs, como Deus, mas na fraqueza, no desânimo, no cansaço de não querer ser o que Deus pensa que podemos ser”<sup>117</sup>. O pecado da omissão ameaça o cristianismo, o bem não feito acusa a falta de esperança do humano, sua desesperança e pouca fé. Para J. Moltmann a desesperança pode tomar a forma de presunção e de desespero, e ambas destroem o caráter peregrino, de estar a caminho, que é próprio da esperança. Essas duas formas da desesperança corroem a paciência da esperança que confia no Deus das promessas<sup>118</sup>.

Temos diante de nossos olhos um mundo repleto de urgências, de imediatismos, de hedonismo, de busca desenfreada pelas realizações pessoais, enfim, um mundo no qual sua esperança vem sendo sufocada, onde o futuro já não tem forças diante do presente, ou seja, vivemos o imediato sem depositar nossa esperança em um futuro que pode ser antecipado no presente. Nossas juventudes

<sup>116</sup> COMBLIN, J., op. cit., p. 61.

<sup>117</sup> MOLTIMANN, J., op. cit., p. 38.

<sup>118</sup> Cf. Ibid., loc. cit.

necessitam conhecer a força da esperança que traz para o presente o irromper da plenitude futura, precisam saber que é possível fazer com que nessa realidade em que vivem as coisas podem ser melhores, que não estão fadados a reproduzir tudo o que o presente impõe, mas podem ser protagonistas no irromper cotidiano do futuro de Deus na história da humanidade. J. Moltmann constata que:

Difícilmente existe um comportamento que seja tão frequente entre os frutos podres de um cristianismo não escatológico, aburguesado, em um mundo que já não é cristão, como a *acedia*, a *tristesse*, o cultivo e a manipulação lúdica da esperança que feneceu<sup>119</sup>.

Em um mundo imerso na desesperança, a Igreja é chamada a anunciar a esperança, a estar presente na vida da humanidade para dizer-lhe do futuro de Deus que se aproxima sempre da história e que irrompe em vida na vida de cada um, como a antecipação da plenitude das promessas de Deus. Nossas juventudes têm o direito de saber que:

[...] esperanças e antecipações do futuro não são a luz que ilumina uma realidade já decrépita, mas percepções realistas do horizonte do real-possível, as quais põem tudo em movimento e o conservam em estado de mutabilidade. [...] Assim, o desespero que pensa ter chegado ao fim, aparece como ilusório, pois nada ainda está no fim, mas tudo se acha repleto de possibilidades. [...] Para ela [esperança cristã], o mundo está cheio de todas as possibilidades, das possibilidades do Deus da esperança. Ela vê a realidade e os seres humanos na mão daquele que, da perspectiva final, fala para o interior da história: “Eis que faço novas todas as coisas”. E nesta palavra de promessa que ela ouviu, recebe a liberdade de renovar a vida presente e transformar a aparência deste mundo<sup>120</sup>.

Na sequência enfatizaremos a possibilidade de encontro entre as esperanças juvenis e a esperança cristã, como algo que pode fortalecer os jovens em suas buscas pessoais e coletivas, permanecendo em Jesus Cristo, a razão de nossa esperança.

#### **4.3.2. Um frutuoso encontro**

Um olhar menos atento poderia de imediato contrapor esperanças, contrapor as esperanças humanas em vista da esperança cristã, contrapor os desejos juvenis àquilo que o cristianismo vê nas juventudes e espera das juventudes. Quando o

---

<sup>119</sup> Ibid., p. 40.

<sup>120</sup> Ibid., p. 41.

Papa Francisco afirma que “Jesus tem esperança nos jovens” não cremos que ele esteja referindo-se apenas a algumas dimensões dos mesmos, cremos que fale do jovem como um todo, e não como um ser “esquizofrênico” que na Igreja deve trajar-se como cristão e fora dela de outra maneira. O Papa nos ajuda a crer que nas juventudes cabe o cristianismo, que em suas esperanças está a esperança cristã, que em seus sonhos também cabe o sonho do reinado de Deus. Sabemos que tudo isso acontece de maneira limitada, necessitada da graça para sua evolução, mas são histórias peregrinas ao lado de toda a humanidade.

J. B. Libanio nos lembra que a vida nesta terra, nossas esperanças e lutas, não pode ser vista apenas como uma simples passagem para adquirirmos o “bilhete de ingresso” do céu, como algo desvinculado do eterno, se assim fosse não poderíamos crer que as esperanças que cultivamos pudessem estar ligadas a esperança eterna, não poderíamos crer que o futuro da humanidade é o Deus que continua vindo. Sabemos que a “[...] esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra” (GS, n. 39), pois nessa terra já se pode “apresentar algum esboço do novo século” (GS, n. 39). O desejo de um emprego digno, de uma faculdade, de moradia digna, de saúde para todos, de menos injustiças e violência, da libertação das drogas, da libertação de trabalhos escravos, do fim da escravidão sexual, e até mesmo de mesas onde o pão de cada dia não falte, não podem ser consideradas esperanças passageiras de nossas juventudes. Até mesmo quando sonham com o lazer, com a beleza, com o direito de adquirirem bens de consumo, tudo faz parte das aspirações da humanidade por uma vida feliz, digna, repleta de esperanças de dias sempre melhores. E como dizer que tudo isso não colabora na antecipação do Reino, na visibilidade de uma sociedade mais semelhante àquela sonhada para o paraíso que muitos ainda almejam? J. B. Libanio nos diz:

As utopias apresentam-se hoje como um projeto histórico a ser construído, possível de ser realizado historicamente e por isso motor de entusiasmo, de ação. Projeto, fruto do contraste do presente real com a capacidade imaginativa e de desejo do ser humano. Na sua última raiz, encontramos, não o desejo inconsciente da fuga à liberdade, da busca do útero materno, mas a sede de infinito, a abertura à Transcendência inata no homem, pela força do ato criativo de um Ser infinito, comunitário: Deus Trino. Esse ser humano constituído em sua autonomia de liberdade e consciência pelo ato criativo de Deus tem como horizonte o infinito. E tal dinamismo em direção ao infinito açula-lhe a fantasia criativa, projetando novos

contextos humanos, em busca das superações dos limites, dos fracassos, das falhas do presente real<sup>121</sup>.

Pela ação do próprio Deus nossas juventudes estão abertas a transcendência, suas ações e esperanças são passos na direção do eterno que vem. Não podemos querer que nossas juventudes abram mão de suas esperanças para dar espaço as esperanças da Igreja, ou a esperança cristã, todas cabem na humanidade e podem direcionar a humanidade para Deus. Assim, a pergunta do cristão comprometido é pela articulação das esperanças humanas com a esperança cristã<sup>122</sup>, sem deixar que a humanidade esconda-se atrás de uma alienante “esperança divina” que desvincula a criatura da criação e do Criador. J. B. Libanio citando K. Rahner afirma:

O homem, “ouvinte da Palavra”, é dotado de um dinamismo existencial sobrenatural, por dom gratuito de Deus, que o orienta em direção à comunhão com a Trindade. Esse “existencial sobrenatural” concretiza-se nas ações históricas de amor ao irmão, de justiça, de entrega de si, de modo que o homem já é eternidade, definitividade no interior da história. Mas, doutro lado, não consegue integração perfeita entre sua natureza e pessoa, sempre dividido interiormente, sempre concupiscente e marcado pelo pecado; sua vida é processo de maior integração ou de acentuação de sua divisão interna. Somente diante de Deus no momento metafísico da morte pode ele encontrar na dor purificadora do amor de Deus a integração completa. Mas sua condição de historicidade e materialidade sempre o manterão ligado com a história que fez e virá<sup>123</sup>.

Mesmo em suas imperfeições a humanidade vai experimentando na terra o que será viver no Reino plenificado, esse dinamismo está presente também nas juventudes. Não se trata mais de pensarmos em um mundo destruído onde possa ser exaltado outro, mas pensar em um mundo plenificado onde o Senhor será tudo em todos. Trata-se de pequenas esperanças que se abram a acolher a grande esperança cristã, que é o próprio Cristo. O povo experimenta o definitivo das realidades humanas, sob a forma do sagrado, assim como os jovens experimentam a gratuidade de Deus no amor gratuito de um amigo. Para J. B. Libanio “a esperança talvez traduza hoje a experiência mais forte dessa proximidade escatológica de Deus”<sup>124</sup>. São os pequenos sinais de esperança que permitem as juventudes continuar a peregrinação, continuar insistindo em viver e sonhar com

<sup>121</sup> LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M.C.L., *Escatologia cristã*, p. 34.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>123</sup> RAHNER, K., *Eschatologie*, In: LIBANIO, J.B., BINGEMER, M.C.L., op. cit., p. 69.

<sup>124</sup> LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M.C.L., op. cit., p. 91.

um mundo melhor. Não sonhar, acomodar-se ao presente é um risco para a humanidade, é estabelecer-se na mediocridade comum a todos, por isso repetimos com o autor:

É preciso sonhar o sonho impossível, atingir a estrela inatingível. Ainda que seja uma mensagem voltada para as puras possibilidades do homem, sem alusão direta a uma Transcendência – elemento fundamental da Escatologia – sem dúvida retrata essa dimensão de busca, de inconformismo do homem diante do presente criado por ele mesmo. Facilmente o casulo do finito e temporal rompe-se para a borboleta da eternidade<sup>125</sup>.

A esperança ressoa fundo no coração humano, despertando-o para dimensões transcendentais. Precisamos abrir-nos ao novo das juventudes, as esperanças que trazem em suas vidas e que nos prometem surpresas, e eles precisam alicerçar suas esperanças na esperança cristã, capaz de dar significado a tudo o que sonham e desejam pessoal e coletivamente. Eis que: “Romper a vida programada, numerada, em busca de pessoas, de vida, de alegria, de paz, de amor, de beleza da natureza, revela um humano aberto, em busca de autotranscender-se, autotranscender-se”<sup>126</sup>, um humano capaz de uma esperança maior, uma esperança dinâmica, sempre a abrir-se em busca dos anseios mais profundos do ser, uma esperança que caminha rumo ao infinito. Por mais longos que sejam os invernos da humanidade, os invernos das juventudes, a força da esperança, da liberdade, do amor, renasce em todos os tempos, até nos mais longos e frios, pois nossa esperança não falha e tão pouco decepciona, é o Cristo Senhor. As juventudes, não querem um mundo sem esperança, sem criatividade, sem novidade, sem horizontes para além do presente imediato, do prazer objetivado, da posse material, do prestígio e segurança de carreiras promissoras. Tudo pode ser reinterpretado à luz da Revelação que nos mostra onde se dá a proximidade de Deus<sup>127</sup>.

Nossas juventudes, mesmo em muitos momentos sendo oprimidas, não deixam de ter esperança, não deixam de acreditar em tempos melhores, e até mesmo de buscar novas oportunidades para a vida. Não podemos dizer que se trate apenas de interesses materiais passageiros, trata-se de vida digna, de céu antecipado, de amor aos demais e a si mesmo, e se a esperança estiver apagada é

---

<sup>125</sup> Ibid., p. 92.

<sup>126</sup> Ibid., p. 94.

<sup>127</sup> Ibid., p. 98.

porque algo não está bem, é porque a dor e o desespero estão maiores do que o próprio desejo de lutar, pois:

Só pode esperar quem confia no amor. E confiar no amor é saber-se entregue a alguém, sobre quem não se exerce controle. É aceitar o mistério como a última constituição da realidade. O homem ser-esperança reconhece finalmente que resolver seus desejos, suas aspirações no restrito mundo do ter, do controlável, do previsível, do planejável, é reduzir-se à condição de objeto e renunciar a ser sujeito, pessoa. A sua qualidade de espírito não lhe permite fechar a transcendência nos limites do ter, da posse. Aspira ao espaço ilimitado do amor, que, apesar de todos os fracassos humanos e de todas as frustrações, sempre aponta para novas possibilidades. Mesmo de dentro do fracasso rotundo de um amor concreto, o ser humano sabe que há outros amores, outro Amor maior(es) que o fracasso. Insiste em continuar vivendo. Essa afirmação de vida só lhe é possível, se por em cima da experiência negativa teima em esperar num amor maior<sup>128</sup>.

Assim entendemos que o jovem quer o Bem e por isso busca os bens; quer a Esperança e por isso cultiva esperanças. Em cada bem concreto, em cada pequena esperança, reconhece a face concreta do Bem e da Esperança transcendente que sempre o atrai. É o coração inquieto até que repouse no Bem final, que se abre sempre a novas esperanças no intuito da maior<sup>129</sup>. Assim podemos dizer que:

O homem é historicidade porque é mais do que seu ser presente. Quem só é, não pode esperar. Quem não pode-ser, não pode esperar. Só quem é e pode-ser, pode esperar: o homem. No homem todo “foi” se transforma em “é”, e todo “é” se abre ao “pode-ser”. Numa palavra, vive de esperança, é esperança. Esperança que se estende também a seu corpo. O corpo é a grande mediação de comunicação. [...] Esse corpo carregado de história espera a ressurreição. Anseia por ela<sup>130</sup>.

Vemos que a esperança cristã não tem necessidade de fazer desaparecer as esperanças juvenis de cada dia, mas ao contrário, as faz crescer, purificarem-se, e lhes apresenta o caminho para que não sejam vãs ou tomadas pelo desespero da frustração. A Igreja tem a missão de dar essa herança às novas gerações, de maneira que nunca se deixem tomar pelo desespero, nunca renunciem à esperança verdadeira, e possam manter acesa a chama viva do caminhar. Nossas juventudes precisam saber que não estão sozinhas, que em suas realidades Cristo está presente, que em suas esperanças está a esperança cristã, que “Cristo adapta-se aos ritmos de evolução das sociedades e civilizações”<sup>131</sup>, adapta-se as realidades e esperanças de nossas juventudes, oferecendo o sentido último de todas as coisas e

<sup>128</sup> Ibid., p. 99.

<sup>129</sup> Cf. Ibid., p. 100.

<sup>130</sup> Ibid., p. 101.

<sup>131</sup> COMBLIN, J., op. cit., p. 68.

ajudando a superar todas as limitações de suas esperanças. Ele, o Senhor, não está nas lamentações saudosista e tão pouco em eventos catastróficos do futuro, “é na vida de hoje, no meio das circunstâncias de hoje que o Senhor virá, não ostensivamente, mas em forma humana, simplesmente através de circunstâncias comuns da vida de cada dia”<sup>132</sup>, nas circunstâncias de nossas esperanças cotidianas que enfim serão libertadas e irão desaguar numa esperança maior, a esperança cristã. Segundo J. Comblin,

[...] a esperança cristã nasce e cresce utilizando as diversas energias de esperança natural. Envolve em si mesma e canaliza as forças que projetam a pessoa na direção do porvir. Nem exclui as razões da espera normal, mas integra-se num projeto global, recuperando tudo o que há de bom nas aspirações espontâneas<sup>133</sup>.

Essa esperança manifesta-se pela orientação real da vida, pelo modo de atuar e de enfrentar os problemas da existência. Essa esperança exige da Igreja um constante caminhar ao lado das juventudes, no intuito de melhor conhecê-las, cativá-las e assim poder apresentar às suas esperanças a esperança cristã, como caminho de libertação e plenitude, pois a esperança cristã plenifica as aventuras humanas<sup>134</sup>. Assim podemos dizer com J. Comblin:

Apresenta-se aos cristãos o desafio de levar a esperança até a vida profana, até identificar-se com ela. É profícuo sonhar numa vida onde os simples gestos humanos sejam revelação de Deus, em que Deus não precisaria usar outros sinais além do próprio caminhar da criatura humana. [...] A esperança atua desde as origens da humanidade<sup>135</sup>.

A esperança cristã atua na realidade humana, nas esperanças de cada dia. Vemos nas orientações pastorais de J. B. Libanio<sup>136</sup> o quanto o universo juvenil, tantas vezes julgado e condenado, pode ser canal para que a esperança cristã tenha seu espaço na vida das juventudes. Tomemos como primeiro ponto o relacionamento que os jovens estabelecem com seus corpos. Muitos deles estão sujeitos as influências externas, como por exemplo, da mídia, e logo buscam a perfeição física, dedicam-se a uma espécie de culto ao corpo, contrário de outros que se entregam ao mundo virtual esquecendo-se de si mesmos, de cuidados

<sup>132</sup> Ibid., p. 78.

<sup>133</sup> Ibid., p. 81.

<sup>134</sup> Cf. Ibid., p. 87.

<sup>135</sup> Ibid., p. 108-109.

<sup>136</sup> Cf. LIBANIO, J. B., *Juventude e a fé cristã*, In: *Perspectiva teológica*, ano 45, n. 126, mai./ago. 2013, p. 235-266.

básicos como saúde, higiene e alimentação. Enfim, posturas opostas que dizem da carência que invade muitos jovens quando o assunto são seus corpos.

J. B. Libanio vem desafiar a todos nós cristãos, que depositamos nas juventudes nossas esperanças, a ajudá-los a perceber que a importância que estão dando a seus corpos é muito menor do que a deveriam dar, uma vez que seus corpos são valorizados pela Encarnação do Verbo, e citando Santo Atanásio o autor nos dirá: “[...] da íntima e estreita união com o Verbo, resultou para o corpo humano um engrandecimento sem par; de mortal tornou-se imortal; sendo animal, tornou-se espiritual; terreno transpôs as portas do céu”<sup>137</sup>. Não se trata simplesmente de um corpo fadado a morte, ele existe para o louvor e serviço a Deus, o cristão assim o entende:

[...] para ser sinal e sacramento da caminhada do ser humano inteiro na perspectiva salvífica. O núcleo da fé cristã se resume na unidade dos dois amores a Deus e aos irmãos. Portanto, louvar, reverenciar, servir a Deus, salvar a alma em termos concretos significam encontrar a Deus no serviço aos irmãos. A perspectiva ética pertence ao cerne do cristianismo. O corpo não existe primeiro para si, para autocontemplação, autossatisfação, sobretudo de forma narcisista, mas como mediação, possibilidade de doação de si a Deus na forma de amor fraterno<sup>138</sup>.

Olhando para os evangelhos nossos jovens veem o quanto o próprio Jesus atribuiu importância ao corpo humano. Seus milagres visavam refazer a saúde dos corpos ou devolver a vida, a fim de voltarem ao convívio humano. Aqui são chamados a ultrapassar a coisificação de seus corpos e de seus semelhantes, para dar-lhes a devida dignidade, podendo ser expressa pela caridade, pela ternura, pelo respeito e por tantos outros valores evangélicos que constroem a vida e oportunizam a libertação de nossas juventudes. “A glorificação narcisista e hedonista do corpo [...] não bate com a compreensão jesuana do corpo. Perde o caráter sacramental de sinal de realidade maior: participação do mundo divino até a glorificação final”<sup>139</sup>. É a esperança cristã iluminando as esperanças cotidianas de nossas jovens rumo à verdadeira alegria.

Ainda pensando nas possibilidades que temos de aproximar os desejos cotidianos de nossas juventudes da esperança cristã, colocamos em destaque suas tendências a respeito do aspecto psíquico. Vivem em mundos contraditórios,

<sup>137</sup> SANTO ATANÁSIO, *Epist. Ad Epictetum* 5-9; p. 26, 1062s In: LIBANIO, J. B., op. cit., p. 244.

<sup>138</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 244.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 245.

aparecem na mídia como modelos de felicidade, no entanto, dentro de si trazem tristezas, fracassos, desprezos, e até a consciência da incapacidade de viverem tantas ideologias. Muitos têm se suicidado por não suportarem tantas pressões. Hoje muitos de nossos jovens buscam aliviar seus sofrimentos psíquicos por meio de aventuras violentas e de alto risco, utilizando drogas, experiências sexuais sem limites e perigosas. Ao cristianismo cabe mostrar as juventudes que todo o seu ser possui a mesma dignidade, todo ele será glorificado pelo Pai, deixando claro que o mistério da ressurreição recoloca a grandeza do corpo no verdadeiro significado<sup>140</sup>. Com eles queremos compreender que:

Só tem sentido para a fé cristã o corpo sadio, belo, bem cultivado, se ele se faz sacramento, manifestação visível de atitudes espirituais de presença amorosa aos outros. O corpo, como tal, só vale no contexto do existir humano que implica liberdade, consciência, entrega de si. Impede as atitudes espirituais superiores, ao ser usado como objeto de prazer e de sedução. Destarte não tem significado salvífico, antes transforma-se em fonte de perdição para si e para outros<sup>141</sup>.

Estamos diante de um bem precioso de nossas juventudes. Com eles aprendemos a resgatar o valor de nossos corpos, a superar o maniqueísmo, a ampliar a consciência de comunhão com a humanidade, mas eles também necessitam do auxílio dos cristãos para não afastarem-se do compromisso que têm de amar e cuidar da humanidade, de valorizar o corpo como canal de concretização de muitas de suas esperanças e da esperança cristã, da ressurreição. Precisamos dizer-lhes que:

[...] Jesus rompe com o simples presente. Aponta para horizonte inalcançável, para o qual, porém, devemos tender e antecipá-lo com a transformação da realidade presente [...] não basta o presente já dado, mas cabe tornar presente sucessivamente as novidades do Reino pela prática da justiça. [...] A fé cristã relativiza a ideologia moderna. [...] Para ela, o valor supremo se encontra no amor aos irmãos e não na conquista nem na transformação prometeica da realidade. A mudança da realidade tem sentido na linha da justiça de propiciar situações aos excluídos e não na jactância de o sujeito afirmar-se como absoluto<sup>142</sup>.

O testemunho cristão precisa mostrar as juventudes que quando vier o fracasso e a frustração, podemos dar a eles sentido, ao ver que até nesses momentos a presença amorosa de Deus é fiel, fortalece, assiste e consola. A fé cristã não irá falar de uma esperança mágica, mas de uma esperança em ato, que

<sup>140</sup> Ibid., p. 249.

<sup>141</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>142</sup> Ibid., p. 251.

se coloca a serviço da humanidade, que enfrenta a dor, os fracassos e frustrações, e que aposta na construção do Reino no “já” com vistas ao “ainda não”. Todo bem a que se adere passa pela liberdade da pessoa e por sua consciência, nossa natureza é necessária para que a esperança cristã esteja em nossas vidas.

Nossas juventudes vivem um tempo em que o valor está propriamente na produtividade direcionada ao lucro, ao econômico. A inteligibilidade das coisas já não está em pauta em muitos centros de pesquisa. J. B. Libanio nos diz que:

A inteligência da geração presente encaminha-se cada vez mais na direção instrumental, abandonando a atitude antes gratuita de desvendar o real, de contemplar a verdade, de entender o que está a acontecer. [...] O jovem sabe que, ao entrar na vida profissional, não lhe exigirão reflexões profundas, teóricas da realidade, mas que tenha clareza dos objetivos a alcançar de maneira econômica, eficaz e competente no meio à terrível concorrência<sup>143</sup>.

As juventudes estão envolvidas por uma máquina produtiva, e consequentemente desejam produzir, têm esperança de ter sucesso, o que não é ruim, porém, com tudo isso correm o risco de buscar o sucesso passando por cima de inúmeros valores éticos que têm sido vistos como linguagem arcaica de tempos passados. Aos cristãos cabe testemunhar que a sua fé não se enquadra no espaço meramente funcional, vai ao sentido radical da existência humana, em última análise, na experiência de Deus. É o agir divino que ilumina e dá sentido às causas intermédias. Logo:

No confronto com a tendência atual dos jovens, a fé desperta-os para submeter ao juízo do sentido último dado por Deus criador e salvador o modo de pensar pontual, fragmentado, funcional. Corrige-lhe a compreensão puramente pragmática e imediata para abri-los ao horizonte transcendente a partir do qual cabe avaliar o próprio pensar<sup>144</sup>.

A esperança cristã insere as realidades em um projeto sempre maior. Diminui a força da premência do momento, dá sentido à vida como um todo, inserindo cada realidade no quadro maior da revelação. Pela esperança cristã podemos reafirmar o sentido último da realidade, superar o niilismo e caminhar pelas veredas de uma ética cristã comprometida com a justiça, a igualdade, a acolhida, o cuidado com o humano, sempre em vistas de um projeto maior que é o irromper definitivo do Reino. Nossas juventudes possuem forças e esperanças que

---

<sup>143</sup> Ibid., p. 253.

<sup>144</sup> Ibid., p. 255.

podem encontrar-se com essa esperança cristã, basta que tenham diante de si a oportunidade de ver que suas esperanças não precisam ser descartadas, mas sim integradas na construção do Reino. Precisamos ajudá-los a superar a tendência da absolutização do presente. J. B. Libanio nos diz que:

Em termos sociais, seguiram-se a morte da utopia e a imposição do presente de maneira absoluta. A esfera religiosa restringiu-se à tarefa de consolo e de satisfação presente, ao perder a força utópica. Não pede nenhum salto para Deus nem conversão de vida, nem compromisso definitivo. Estão aí dimensões que se reduzem à tendência imanentista e geram acanhamento da dimensão do Espírito<sup>145</sup>.

Nossas juventudes vivenciam profundo vazio mediante as realidades em que depositam todas as suas esperanças, sonhos e desejos. A promessa do consumo, da igualdade, do emprego bem remunerado, entre outras, pode tornar-se fonte de frustração quando percebem que nem tudo será como se espera, resultados esses que muitas vezes vão para além de suas forças de atuação, por estarem atreladas ao ritmo do sistema econômico que rege o país. Diante de tantas realidades frustrantes, nossas juventudes se batem com a tragédia da existência<sup>146</sup> e:

Mais uma vez esbarramos com o niilismo que afeta grandemente a dimensão de espírito do ser humano. Ele não permite que se ultrapassem a história e as realidades finitas. Castram-se os impulsos para além do presente imediato. O apagar da dimensão do espírito reduz o ser humano cada vez mais à dimensão animal. Explica-se como facilmente seu encurtamento tem provocado desvios humanos graves para a violência, droga e outros excessos. [...] A tendência atual no mundo jovem está a bloquear as fontes de vida do espírito<sup>147</sup>.

Os jovens já não têm muito tempo para se deparar consigo mesmo, então o vazio provoca até o desespero. Os bens que lutam para adquirir não são o suficiente para preencher o vazio que existe. O individualismo e o consumismo não respondem aos seus anseios mais profundos. Cabe aos cristãos testemunhar-lhes algo maior, oferecer-lhes uma esperança que não decepciona, que não abandona e que é capaz de preencher com vida os vazios da existência. Para J. B. Libanio:

Se conseguíssemos passar ao jovem a beleza e grandeza da dimensão espiritual, mais facilmente resistiria aos engodos virtuais e propagandísticos. A abertura ao Transcendente e à comunhão com a Trindade constitui-lhe o próprio existir atual e

---

<sup>145</sup> Ibid., p. 257.

<sup>146</sup> Cf. Ibid., p. 257.

<sup>147</sup> Ibid., p. 257.

concreto. Assim lançado constitutivamente para as esferas da vida própria de Deus, entenderá porque nenhuma realidade humana o preenche totalmente. E o vazio que sente, não se trata, no fundo, de um vazio, mas de aspiração positiva e maravilhosa em direção ao Deus trino. Verdade que não a viverá aqui na terra na plenitude desejada, mas perceberá sua presença na imediatez das realidades humanas<sup>148</sup>.

Temos diante de nós um caminho de encontro com as juventudes. Ajudá-los a elevar suas esperanças cotidianas a uma esperança que não falha, a uma esperança que alimenta gerações em suas trajetórias de realização pessoal e global, que vem fazendo o Reino se fortalecer ao longo dos tempos. Precisamos de atitudes concretas que sirvam de testemunho para nossas juventudes, testemunhos que falem da força da esperança que move o cristianismo, precisamos apresentar a esperança em atos para que vendo creiam, e crendo possam assumi-la como fonte de vida e força na evangelização. É dos jovens o novo, a mudança, a ousadia; é da esperança cristã o novo, a transformação da morte em vida, da dor em alegria, da cruz em ressurreição! Trata-se de uma parceria geradora de vida para toda a Igreja, para toda a humanidade, precisamos trabalhar para isso. A esperança cristã dará as suas esperanças cotidianas a força da caridade, a força do anúncio e do testemunho, e não deixará que a fé se apague em seus corações, enfim, o Reino terá força na força das juventudes.

Sabemos que a cultura contemporânea proporciona aos jovens um desligamento do futuro, dos compromissos, das utopias, produzindo um viver o presente sem preocupação, com traços de primazia do prazer, da autonomia extrema da subjetividade, da rejeição das imposições externas<sup>149</sup>. Mas vimos também que, há espaço para o sonho de dias melhores, de uma sociedade mais justa para todos, de tempos em que o bem esteja reinando. São essas esperanças as portas de entrada para o testemunho cristão em suas vidas, até por serem elas sinais do cristianismo em cada um deles. Podemos oferecer-lhes a herança da Tradição como fonte de valorização de um passado que abre as portas do futuro, que aproxima da plenitude, pois se rejeitam o passado, perdem a maravilhosa riqueza que a humanidade acumulou ao longo do tempo. Dizemos ainda sobre as tradições que:

Importa mostrar às novas gerações que há aquelas que merecem ser vivenciadas hoje. Elas humanizam-nos, socializam-nos. O fato de ser do passado ou captado no

---

<sup>148</sup> Ibid., p. 259.

<sup>149</sup> Cf. Ibid., p. 2561

presente não tem a mínima importância. Vale aquilo em que elas nos afetam positivamente. Sem experimentar dificilmente o que sabemos. Por isso, a atitude de rejeitar a *limine* o que vem da tradição traz consequências imprevisíveis<sup>150</sup>.

A fé cristã, com sua herança e com seu anúncio, não quer negar os sonhos das juventudes, quer juntar-se a eles para que caminhem sempre mais na direção da plenitude, da autonomia, do bem pessoal e global. A esperança cristã não quer negar a esperança de um bom emprego, de um futuro promissor, de novas oportunidades pessoais, enfim, não quer negar as esperanças do cotidiano; quer somar forças, quer ser o sentido que dá sentido a todo o restante, que tira do “presentismo” e abre as portas do futuro, do futuro de Deus junto a toda a humanidade. Por exemplo:

A forte busca do êxito brilhante e do sucesso profissional tão forte na tendência presente entre os jovens recebe da fé cristã excelente toque. Não nega tal busca, mas orienta-a na linha da superação da pura profissão para descobrir a vocação de entrega como o típico da perspectiva cristã. Jesus traduziu a sua vocação como fazer a vontade do Pai que se concretizou no dom da vida para a salvação da humanidade. Tal vocação dá sentido às profissões, corrigindo-lhes o caráter egocentrado<sup>151</sup>.

Além disso, podemos dizer do gosto pelo prazer que tem nossas juventudes. Eles têm o direito de saber que Jesus pode lançar luz esclarecedora também sobre essa realidade tantas vezes condenada por alguns cristãos. Jesus aceitou e vivenciou alegrias e prazeres, teve amigos, participou de festas, vivenciou o cotidiano com as alegrias que lhe foram possíveis, porém, não cedeu ao egoísmo, ao hedonismo, ao individualismo. J. B. Libanio nos diz que:

A capacidade de Jesus de viver a dupla realidade do prazer, alegria, refeições, bodas e da renúncia exigida pela vocação permite-nos redimensionar a tendência atual da juventude pós-moderna. São Paulo não hesita afirmar que aprendeu a se bastar em qualquer situação e a saber viver na penúria e na abundância, em toda e qualquer situação, quer estando farto ou passando fome, tendo de sobra ou passando falta. Conclui dando o sentido da disposição de liberdade: “Tudo posso naquele que me dá força” (Fl 4,11-13)<sup>152</sup>.

Queremos dizer que é possível viver o cristianismo no mundo das juventudes, que é possível alimentar as esperanças cotidianas com a esperança que não decepciona e assumir as juventudes com todas as suas realidades como uma

<sup>150</sup> Ibid., p. 263.

<sup>151</sup> Ibid., p. 265.

<sup>152</sup> Ibid., p. 264.

janela por onde nos chega o futuro, por onde nos chega Deus. Precisamos dar-lhes a oportunidade de conhecer Jesus Cristo, reconhecê-lo em suas próprias vidas e assim amá-lo até entregarem-se à missão de construir o Reino na história.

Na sequência, finalizando nossa pesquisa, falaremos sobre alguns atos de esperança no dia a dia de nossas juventudes e que podem ajudá-las nas escolhas que devem fazer mediante o convite de ser a esperança da Igreja.

### **4.3.3.**

#### **O alegre anúncio da esperança construindo a civilização do amor**

Iniciamos este tópico nos questionando acerca da forma a se proceder para que os jovens em suas mais variadas realidades identifiquem-se com a esperança que a Igreja reconhece neles. Apresentar Jesus, ou quem sabe identificar Jesus em meio a sua história, ele que é nossa verdadeira esperança, é o caminho que escolhemos, e o faremos a partir de algumas atitudes que dizem da esperança no cotidiano, que dizem do Cristo encarnado no mundo.

Um mundo que padece pela falta de esperança clama pela esperança cristã em ato, não podemos nos omitir diante de uma geração que carrega sobre si a possibilidade do desespero! É isso que vemos em muitos momentos de nossos jovens. O Papa Francisco nos lembra que:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. [...] Esta não é a escolha de uma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado (*EG*, n. 2).

Não, essa realidade de morte não condiz com o Deus da vida, com o Deus que fundamenta nossa esperança! Não condiz com a vida entregue de Jesus que nos afirma a boa nova da alegria, da salvação, da eternidade no Criador. Nós cristãos não podemos nos contentar com um anúncio ideológico, que pouco ou nada fale para o mundo e principalmente para as novas gerações. Precisamos testemunhar nosso encontro com uma pessoa, com Jesus Cristo, nosso salvador e libertador, capaz de ressignificar a vida de nossos jovens que já trazem em si os valores evangélicos, que trazem em si o “DNA” do Criador, e que nem sempre têm a possibilidade de se identificar com a maneira “adulta” de anunciar a boa

nova, pois essa essência de Deus que há neles permite que percebam que nem sempre esse anúncio é fidedigno, nem sempre revela o Deus de Jesus Cristo, e por isso não encanta, não chama para profundas experiências, não gera novas testemunhas! Não queremos culpabilizar os “adultos” simplesmente, mas queremos lembrar que nossos jovens constituem “o espelho retrovisor da sociedade em que vivem”, não que sejam eles seres sem vontade e sem decisão própria, mas tão pouco deixam de formar-se com bases nas realidades vividas, nas experiências acumuladas pela convivência e molduras nas quais a pintura de suas vidas se realiza.

O Papa Francisco nos lembra que é necessário que os evangelizadores de nossos tempos empenhem-se em favorecer o encontro com Jesus Cristo, e nosso Pontífice não deixa de mencionar as palavras de seu antecessor, Bento XVI que nos diz: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (*DCE*, n. 217). O encontro com Jesus faz despertar a esperança, esperança que sustenta a fé, que faz entrever na própria esperança, nas promessas de Deus a certeza da realização, a certeza do Reino que vem, do Deus misericordioso que ampara o sofredor e faz justiça aos oprimidos. A esperança em Jesus nos permite que as novas gerações creiam no processo de amorização do cosmos, do humano, de toda a criação, onde Deus será tudo em todos, e nada ficará de fora de seu projeto.

Aquele que tem a tarefa de anunciar a Boa Nova de Jesus precisa agir como o Mestre, trazendo “fogo em seu coração” e sentir a “necessidade de anunciar àquelas pessoas [neste caso os jovens] uma notícia que o queima por dentro: Deus já vem libertar seu povo de tanto sofrimento e opressão”<sup>153</sup>. Não pensamos em enfatizar grandes eventos para aproximar a Igreja dos jovens, mas sim levá-la para a realidade onde eles estão inseridos, sua vida, seu cotidiano, os ambientes que frequentam e que os frequentam, respeitando cada um como espaço onde Deus está presente, espaço sagrado proveniente do Criador e que pode estar mais ou menos ferido pelas situações da vida. Aquele que deseja dar razões de sua esperança às novas gerações precisa identificar-se com o Mestre em sua maneira de aproximar-se das pessoas. J. A. Pagola nos diz que:

---

<sup>153</sup> PAGOLA, J. A., *Jesus aproximação histórica*, p. 109.

Ao chegar a um povoado, Jesus procura encontrar-se com os vizinhos. Percorre as ruas [...]. Aproxima-se das casas desejando a paz às mães e às crianças que se encontravam nos pátios e sai ao descampado para falar com os camponeses que trabalham a terra. Seu lugar preferido era, sem dúvida, a sinagoga ou o espaço onde se reuniam os vizinhos, sobretudo aos sábados. Ali rezavam, cantavam salmos, discutiam os problemas do povoado ou se informavam dos acontecimentos mais importantes da vizinhança. No sábado liam-se e comentavam-se as Escrituras, e orava-se a Deus pedindo a suspirada libertação. Era o melhor contexto para dar a conhecer a boa notícia do reino de Deus<sup>154</sup>.

Estamos falando de anunciar a esperança cristã a uma parcela da sociedade que sofre profundamente com as injustiças e valores do anti-reino. Jovens que, em muitos casos, não tiveram a oportunidade de conhecer o amor terno e amigo de Deus, e que precisam acima de tudo, serem acolhidos, amados e valorizados em suas experiências de vida, mesmo antes de serem iniciados em uma ou outra religião. Anunciar, com alegria e entusiasmo a Boa Nova que sustenta nossas esperanças, implica encontro, implica deslocamento, assim como fez Jesus Cristo ao longo de sua vida. Não podemos querer nos aproximar dos jovens, ou esperar passivamente que, esses que são a esperança da Igreja, venham em busca de nossas verdades, se nosso testemunho não for capaz de sair de nossos templos e colocar-se em prática em suas realidades cotidianas<sup>155</sup>. Vimos no texto de J. A. Pagola que o Reino fora anunciado por Jesus na vida do povo, em seu chão, a partir das experiências vividas. As parábolas de Jesus partiam da vida de seus conterrâneos, das experiências que tinham em seu dia a dia. O Mestre valorizou cada situação, da mais simples a mais rejeitada para revelar o Pai, e nós nem sempre somos capazes de compreender que Deus se revela aos simples e aos pequenos, que quando chegamos com nossas palavras, Ele já se antecipou com seu amor, com seu cuidado, e até mesmo no desconhecimento do sujeito de seu amor, já está presente. Queremos dizer que o anúncio precisa respeitar Deus que está naquele do qual vamos ao encontro, suas experiências também podem revelar Deus. H. Dick nos diz com clareza que o divino está no jovem, nós precisamos fazer ressoar em seus corações a “voz” que os acompanha desde sempre.

Queremos chegar as juventudes com o testemunho de uma esperança viva, uma esperança chamada Jesus Cristo (cf. 1Tm 1,1), crucificado pelos homens mas

---

<sup>154</sup> Ibid., p. 112.

<sup>155</sup> Sobre essa temática podemos ver o pedido do Papa Francisco em sua mensagem pelo dia mundial das missões de 2014, disponível em: <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/internacional/14412-Papa-envia-mensagem-ao-dia-mundial-das-missoes>.

ressuscitado por Deus, e que lhes garante a mesma herança, a herança de uma vida que não se acaba, de uma vida que está destinada para Deus, para seu amor, para sua plenitude. Essa vida quer manifestar-se na história, quer ser presente que caminha para um futuro pleno em Deus, pois “somente a partir de Cristo ressuscitado nos é revelado o futuro último que podemos esperar para a humanidade, é o caminho que pode levar o homem a sua verdadeira plenitude, é a garantia última diante do fracasso, da injustiça e da morte”<sup>156</sup>.

Deus é para nós o Deus da esperança (cf. Rm 15,13), é o Deus que está no princípio e no fim, é o Deus da caminhada, o Deus da libertação que acompanha seu povo, que acompanha nossas juventudes e que quer ser testemunhado a todos em seu amor misericordioso e libertador. O Deus da ressurreição que está ao lado dos oprimidos, dos marginalizados, dos excluídos, enfim, que está ao lado de muitas juventudes que se encontram à margem da vida esperando a libertação que somente Deus pode lhes dar plenamente. Não testemunhar o Deus da esperança é aprisionar o cristianismo, é não deixar Deus ser Deus na vida de seu povo, é manter cativos os que clamam por libertação. Deus é o futuro último, está presente em nossa vida prometendo, garantindo e abrindo o futuro, que dá vida aos mortos e chama a ser os que não são (cf. Rm 4,17). Por isso, precisamos anunciar as nossas juventudes a certeza de que:

Deus não descansará até que a vida que nasceu de seu amor insondável de Pai vença definitivamente a morte, e apareça “a nova criação” em todo o seu esplendor. Não se revelará plenamente como Deus Salvador até que o homem alcance sua “humanização plena”. Sua justiça e seu perdão não se manifestarão em plenitude até que “Deus seja tudo em todos” (cf. 1Cor 15,28). Enquanto isso, tudo se encontra a caminho: a ação salvadora de Deus, a força transformadora da ressurreição, a construção da nova humanidade. E Deus está aí: “Eterna presença do triunfo de Cristo crucificado”<sup>157</sup>.

A ressurreição de Cristo abre também as juventudes para um futuro novo, para uma esperança que supera todas as esperanças humanas, mas que não descarta essas esperanças, que vai se realizando em cada uma delas, tirando-as de suas limitações e elevando-as ao Criador. “As novas possibilidades abertas pela ressurreição obrigam a olhar e compreender a história de maneira nova”<sup>158</sup>, a compreender que na história não haverá a plenitude que se encontra na

<sup>156</sup> PAGOLA, J. A., *Es bueno creer en Jesús*, p. 102. Tradução nossa.

<sup>157</sup> *Ibid.*, p. 105. Tradução nossa.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p. 106. Tradução nossa.

ressurreição, mas por ela se justificam as lutas de tantos jovens por uma humanização sempre mais plena a caminho do definitivo. Assim precisam se desenvolver nossas juventudes, com o olhar em Cristo nossa esperança, que faz a vida sempre mais próxima de sua plenitude.

Concluimos nossa pesquisa apresentando alguns traços da esperança cristã que queremos apresentar hoje as nossas juventudes. Primeiramente afirmamos que anunciamos uma esperança enraizada em Jesus Cristo, que não é passageira, mas uma atitude permanente, um estilo de vida, que faz parte da forma do cristão enfrentar a vida. Ela se constrói dia a dia, enraizando a vida no Senhor. Para anunciar e recuperar a esperança cristã entre as juventudes precisamos:

[...] “enraizar” nossa vida em Cristo ressuscitado. Tudo pode ir mal em nossa vida pessoal e na sociedade; podem desmoronar nossas expectativas e seguranças; pode chegar as trevas, a dor ou a velhice. O importante é que “o homem interior” que vive da fé, não se desmorne. “Ainda que nosso exterior vá desmoronando, nosso interior se renova dia a dia” (2Cor 4,16)<sup>159</sup>.

A esperança cristã nasce do Senhor e nos permite olhar para o futuro, permite as novas gerações olharem para o futuro com coragem e ousadia de enfrentar os “dragões” que as assustam, crendo que a palavra final é da vida, mesmo que a morte tenha vitórias aparentes em seu cotidiano. Essa esperança não permite o comodismo, faz dar passos seguros na direção do totalmente novo prometido por Deus, faz edificar o Reino na certeza de que Deus vem trazendo-o em plenitude, pois é dele que virá o que nossas forças não são capazes de alcançar, assim,

[...] vê tudo em marcha, movendo-se até a vida definitiva. Esta vida sempre é algo inacabado. Nada é aqui definitivo, nem as conquistas nem os fracassos. Tudo é penúltimo. Tudo é algo que vamos deixando para trás. Para o cristão, a vida é “êxodo”, peregrinação. Se tivermos diante dos olhos só aquilo que vemos no presente, nos contentaríamos com as coisas tal como são, e vezes estaríamos tristes e vezes estaríamos alegres. Porém, acima dessa alegria ou essa tristeza, tratamos de olhar as coisas tal como um dia deverão ser. Isto é o específico da esperança<sup>160</sup>.

É essa herança que queremos entregar as nossas juventudes, para que os sofrimentos de cada dia não tenham a última palavra em suas vidas, para que não sejam arrastados pela avalanche do desespero, da violência, das injustiças, das

<sup>159</sup> Ibid., p. 107. Tradução nossa.

<sup>160</sup> Ibid., p. 109. Tradução nossa.

decepções cotidianas que chegam a tirar a força de viver e de sonhar. Temos algo mais a oferecer para eles, e o queremos fazer com atitudes de acolhimento, companheirismo, misericórdia, dando-lhes o protagonismo de suas vidas, porém com a oportunidade de conhecerem e experimentarem a esperança que move o cristianismo a séculos, Jesus Cristo. O que queremos testemunhar as juventudes permite que se arrisquem na esperança, e que o façam mesmo quando a experiência diga que não há no que esperar (cf. Rm 4,18), pois essa esperança se apoia na fidelidade de Deus e não nas forças humanas.

Entregaremos as nossas juventudes uma esperança que cresce, que se purifica e se consolida mesmo mediante ao mal. Que não promete acabar com os sofrimentos colocando a humanidade em uma situação de alienação, que ajuda a compreender que o Deus cristão não nos arranca para fora da história e nos transporta, como por magia, à vida eterna, mas é o Deus da esperança que caminha conosco e nos faz querer transformar a história naquilo que acreditamos. Com J. A. Pagola entendemos que:

Esta esperança cristã é possível quando o crente aprende a relativizar o mal, isto é, a não absolutizá-lo, a colocá-lo em relação com o futuro último, a situá-lo em seu verdadeiro lugar, a vivê-lo em suas verdadeiras dimensões [...] Por outra parte, com esta esperança se vive praticamente descobrindo que não há nenhuma situação, por mais difícil que seja, que não esteja aberta ao amor de Deus. Não há sofrimento, problema, crise, nem pecado, que não possa converter-se em possibilidade de crescimento e renovação. Na vida sempre há saída. Assim disse o ressuscitado: “Abri diante de ti uma porta que nada pode fechar” (Ap 3,8)<sup>161</sup>.

A porta que Cristo abre lança-nos em direção ao futuro, não deixa esmorecer a luta, ensina a paciência e a perseverança, se transforma em ação constante, permite esperar e buscar sempre a humanização. A esperança cristã pode ser desencadeada nas juventudes quando nos deixamos guiar pela própria criatividade da esperança que nos vem pela ação do Espírito. Frente ao niilismo somos chamados a testemunhar a fé em Deus, frente ao pragmatismo somos chamados a testemunhar a defesa da pessoa, frente ao individualismo somos chamados a testemunhar a solidariedade, frente a insensibilidade somos chamados a testemunhar a misericórdia, frente a violência somos chamados a testemunhar o diálogo e a reconciliação, e que nosso testemunho seja força de esperança em ato,

---

<sup>161</sup> Ibid., p. 112. Tradução nossa.

que não sucumbe frente ao mal e as frustrações de cada dia, mas que lance as juventudes em direção à plenitude do mundo<sup>162</sup>.

Podemos ajudá-los a crescer em suas esperanças humanas e na esperança cristã despertando a confiança na vida, no futuro e no mundo que os rodeia. Para isso precisamos saber ajudar as juventudes a encontrar estímulos que as impulsionem a atuar, crescer, empreender novas tarefas e novas metas. Se dentro de nós há esperança, podemos ser fonte de esperança para nossas juventudes. J. A. Pagola nos dá indicações práticas para ajudarmos nossas juventudes a cultivarem suas esperanças em consonância com a esperança cristã:

Talvez, temos que começar por não fazer a vida de ninguém mais difícil e dura do que já é. Que a vida seja melhor, mais humana, mais agradável ali onde eu estou, onde eu atuo, falo ou me movo. Não contaminar, todavia mais o ambiente com meu pessimismo, amargura ou mediocridade. Não envenenar o entorno com minhas atuações rancorosas, meus ressentimentos ou meu egoísmo mesquinho. Ao contrário, saber criar ali onde eu passo uma clima onde seja possível a esperança. Não temos que duvidar que a bondade de Deus se manifeste, sobretudo, através da bondade dos homens. Com nossa acolhida, amizade e amor estamos chamados a mostrar que a vida, apesar de tudo, é boa, porque no interior mesmo da existência, dando sentido último a tudo, há um Deus que nos acolhe. Cada um pode ser um pequeno sinal, uma pequena prova desse Deus da esperança<sup>163</sup>.

Despertar a confiança nas juventudes é uma grande missão para nossa Igreja. Muitas vezes nossos jovens vivem situações de desespero que tomam conta de todas as dimensões de sua vida. Para que recuperem a esperança precisam encontrar pessoas que lhes ajudem a ver que a vida pode ser mais do que o problema que enfrentam. Não se trata de querer anestésiar o jovem diante de seu problema, mas de ajudá-lo a situar-se diante de toda a sua vida e de seu mistério último. Ao invés de ver a vida pela ótica do problema, ver o problema pela ótica de sua vida e de suas esperanças. Então somos convidados a testemunhar que:

Nossa vida não é alheia a Deus. Não há nenhum sofrimento ou fracasso, nenhuma solidão, traição ou pecado, fechado ao amor ou a graça de Deus. Na vida sempre há saída. É a convicção do que vive animado pela esperança cristã. “Ele disse: ‘Nunca te deixarei, nunca te abandonarei’ (Dt 31,6). Por isso, podemos dizer confiantes: ‘O Senhor está comigo, não temo; o que poderá fazer-me o homem?’ (Sl 118,6)” (Hb 13,5-6). O que vive da fé em Deus, sempre está escutando no mais íntimo de seu ser: “Existe esperança para o teu futuro” (Jr 31,17)<sup>164</sup>.

<sup>162</sup> Cf. *Ibid.*, p. 122-126.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 127. Tradução nossa.

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 128. Tradução nossa.

Assim poderemos ajudar nossas juventudes a cultivar sentimentos mais amáveis e nobres, e os sentimentos tristes e derrotistas podem ser superados por sentimentos mais iluminados e pacificadores; junto a atitudes duras podem nascer atitudes mais compreensivas e flexíveis; junto a decisões distorcidas podem ser suscitadas decisões mais nobres e dignas da humanidade. Se nos esforçarmos por contemplar o positivo das juventudes, certamente teremos maiores condições de sermos luzeiros de esperança para que nossos jovens também se fortaleçam em suas esperanças e na esperança cristã.

Também queremos lembrar que as pessoas que sabem acolher, semeiam esperança ao seu redor. Quando acolhemos um jovem, estamos libertando-o do peso da solidão, estamos acompanhando, estamos infundindo forças para que viva melhor. Quando nossas juventudes percebem que não estão sós, que podem contar com alguém, ou com uma comunidade, a esperança poderá renascer em seus corações ou tomar novo impulso. É uma grande missão oferecer acolhida a tantas juventudes desconcertadas pelos sofrimentos cotidianos, indefesas diante da força de tantos sistemas opressores ou desvalidas em suas situações de fragilidade. A esperança é fortalecida por uma cultura de acolhida. J. A. Pagola nos diz que:

Se soubermos estar junto com a pessoa que sofre e compartilhar suas preocupações, se essa pessoa sabe que, ao menos, junto de nós pode estar segura e manifestar-se como é, se sabe que a aceitamos, nela pode despertar lentamente a esperança, pode crescer a confiança na vida, pode abrir-se um caminho para o Deus da esperança. A acolhida facilita a esperança, ajuda a abrir o horizonte, elimina obstáculos, abre saídas a situações desesperançosas<sup>165</sup>.

Esse convite a acolhida toca profundamente a postura de nossas Igrejas e pastorais em relação às juventudes. Infelizmente nem sempre os jovens são acolhidos e compreendidos em todas as dimensões da vida. Muitas vezes queremos jovens que se enquadrem em nossas diretrizes e regras e por não serem como queremos afastamos muitos deles. Somos desafiados a acolher, a trazer para perto de nós, ou quem sabe, nos colocarmos ao lado deles lá onde estão, para que por nosso testemunho de acolhida possam confiar na Igreja e assumir o protagonismo de sujeitos de esperança para essa mesma Igreja e para o mundo.

A acolhida da qual falamos implica uma atitude de compreensão, que abandona posturas condenatórias ou judiciais. A acolhida cristã desperta na

---

<sup>165</sup> Ibid., p. 130. Tradução nossa.

pessoa desesperada a confiança de ter com quem contar sempre, independente de seus erros, de seus pecados, de suas atitudes. Essa postura de acolhida gera esperança. Também não se trata de uma acolhida cega que deixa de ver o mal, mas sim uma acolhida que vê o mal, mas enfatiza o bem, a possibilidade de conversão, de mudança, de recomeço. Trata-se de uma acolhida que dá forças para o recomeço quando necessário, e não uma postura que se adianta no juízo e na condenação.

Enfim, como cristãos somos chamados a alimentar as esperanças de nossas juventudes, a testemunhar-lhes a esperança cristã, aquela que traz o sentido último da existência. Não temos receita para que isso aconteça, temos um caminho a ser percorrido por aqueles que acreditam que nossas juventudes são a janela por onde nos vem o futuro, uma janela por onde nos vem Deus.